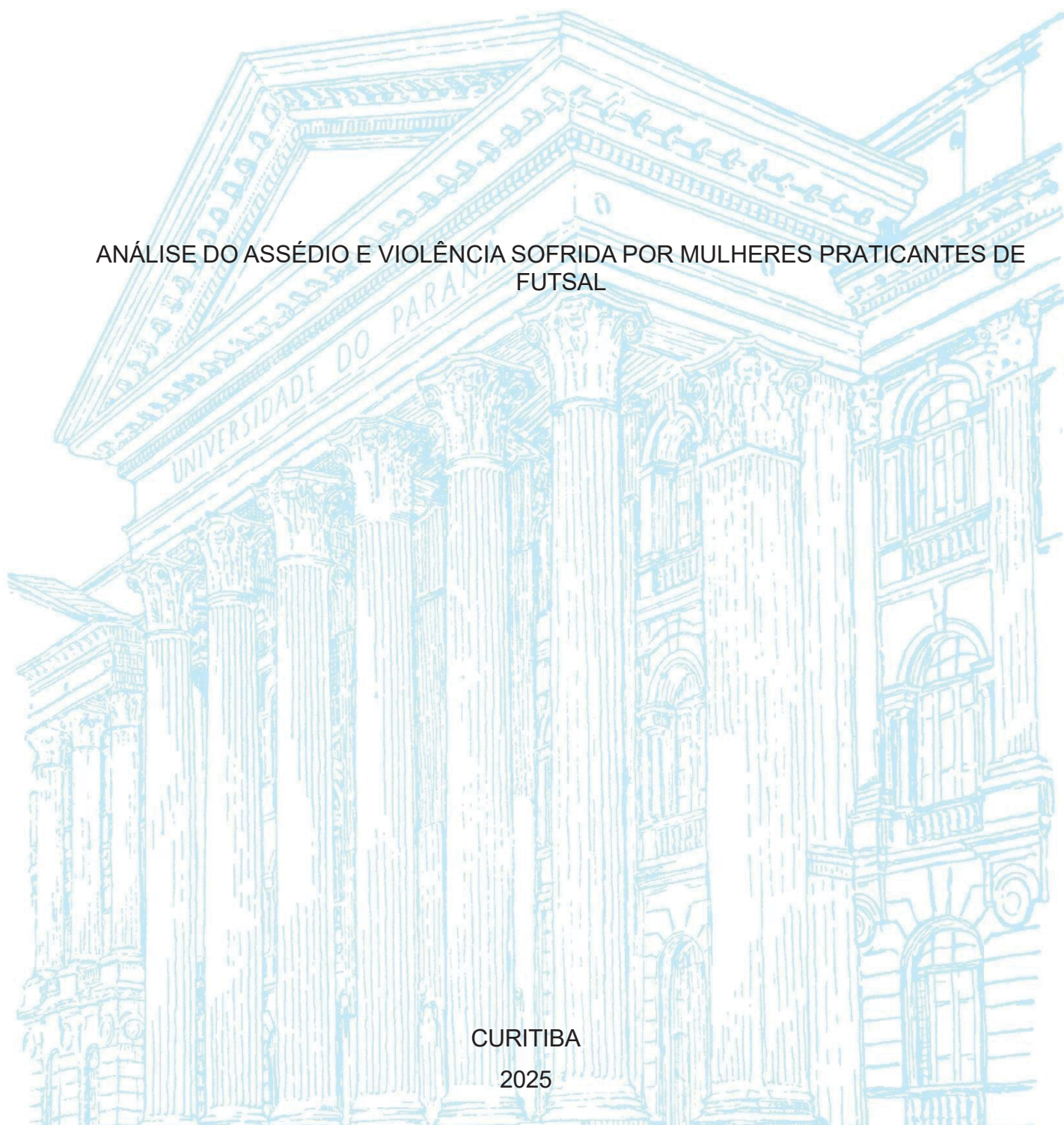


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOÃO PEDRO MATTÉ BALDESSAR

ANÁLISE DO ASSÉDIO E VIOLÊNCIA SOFRIDA POR MULHERES PRATICANTES DE
FUTSAL

CURITIBA
2025



JOÃO PEDRO MATTÉ BALDESSAR

ANÁLISE DO ASSÉDIO E VIOLÊNCIA SOFRIDA POR MULHERES PRATICANTES DE
FUTSAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Talita Gianello Gnoato Zotz

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Brandt de Macedo

CURITIBA

2025

B175	<p>Baldessar, João Pedro Matté</p> <p>Análise do assédio e violência sofrida por mulheres praticantes de futsal [recurso eletrônico] / João Pedro Matté Baldessar. – Curitiba, 2025.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2025.</p> <p>Orientadora: Talita Gianello Gnoato Zotz – Coorientadora: Ana Carolina Brandt de Macedo.</p> <p>1. Mulheres. 2. Atletas. 3. Saúde da Mulher. 4. Violência contra a Mulher. 5. Violência de Gênero. 6. Assédio Sexual. 7. Desempenho Atlético. 8. Estudos Transversais. I. Universidade Federal do Paraná. II. Zotz, Talita Gianello Gnoato. III. Macedo, Ana Carolina Brandt de.</p> <p>NLMC: WA 420</p>
------	---

Catálogo na fonte elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFPR,
Biblioteca de Ciências da Saúde – SD, com os dados fornecidos pelo autor.
Bibliotecária: Nayara Késsia Veras Lemos CRB-9/2207.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SAÚDE COLETIVA -
40001016103P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SAÚDE COLETIVA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JOÃO PEDRO MATTÉ BALDESSAR**, intitulada: **ANÁLISE DO ASSÉDIO E VIOLÊNCIA SOFRIDA POR MULHERES PRATICANTES**

DE FUTSAL, sob orientação da Profa. Dra. TALITA GIANELLO GNOATO ZOTZ, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Outubro de 2025.

Assinatura Eletrônica

23/10/2025 16:51:03.0

TALITA GIANELLO GNOATO ZOTZ

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

23/10/2025 15:52:32.0

SUZANE DE OLIVEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

23/10/2025 18:07:18.0

TAINÁ RIBAS MÊLO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que fizeram parte da minha jornada e alcançaram este momento possível. A Deus que é a base de tudo. A minha namorada pelo apoio de todos momentos que passei, por acreditar e confiar no meu sonho e no nosso futuro. Minha família, pelo amor incondicional, que mesmo distante me deram todo apoio constante, sempre acreditando no meu potencial. As minhas orientadoras, pela orientação, paciência e ensinamentos que realizaram este trabalho possível. Sua dedicação e sabedoria foram fundamentais no meu crescimento acadêmico. Por fim, a todas as mulheres atletas que, com sua força, determinação e coragem, inspiram e continuam a lutar por um mundo mais justo e igualitário. Este trabalho é dedicado a vocês, como uma pequena contribuição para a construção de um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ser meu alicerce em todos os momentos, por me dar força nos dias difíceis e luz para continuar acreditando no propósito dessa caminhada.

Aos meus pais, minha eterna gratidão. Vocês são minha base, minha inspiração e o porto seguro onde sempre posso ancorar. Obrigado por acreditarem em mim mesmo quando duvidei, por cada gesto de apoio, carinho e por todo amor incondicional.

À minha namorada, meu amor e parceira de vida, obrigado por caminhar ao meu lado, por me acolher nos dias cansativos e por celebrar comigo cada pequena conquista. Sua presença tornou esse processo mais leve e cheio de significado.

Às minhas orientadoras, meu sincero agradecimento por toda a paciência, dedicação, escuta atenta e orientações que contribuíram imensamente para o desenvolvimento deste trabalho. Vocês foram guias fundamentais nessa trajetória acadêmica e pessoal.

E, com um carinho especial, agradeço a todas as mulheres atletas de futsal que fizeram parte desse projeto. Vocês, com sua coragem, força, sensibilidade e histórias, deram alma a esta pesquisa. Este trabalho é, acima de tudo, um tributo à resistência, à potência e à luta invisível que tantas de vocês enfrentam diariamente.

A cada uma dessas presenças, meu mais profundo e sincero obrigado.

EPIÍGRAFE

"A gente representa muitas mulheres. Então, nunca deixem de sonhar e acreditem no potencial que vocês têm." — (Marta Vieira da Silva).

PRÉFACIO

Escolhi estudar sobre mulheres no futsal porque, como homem que trabalha diretamente nesse âmbito, observo constantemente as atitudes e relações de outros homens com a presença e atuação das mulheres no esporte. Muitas vezes, essas respostas se manifestam de maneira desrespeitosa, seja por meio de comentários de teor sexual ou em forma de zombaria, minimizando suas capacidades e conquistas.

Essa realidade despertou em mim a necessidade de aprofundar o tema e buscar entender não apenas as barreiras enfrentadas por essas mulheres, mas também como essas atitudes impactam o ambiente esportivo e a luta por igualdade. Meu objetivo é contribuir para a valorização das mulheres no futsal, ajudando a construir um espaço mais justo, respeitoso e inclusivo para todas.

RESUMO

A violência contra a mulher manifesta-se de diversas formas, como física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, em espaços públicos e privados. No esporte, especialmente no futsal feminino, que enfrenta barreiras históricas e estereótipos de gênero, ainda persiste a marginalização das mulheres, apesar do domínio brasileiro no cenário internacional. Além disso, o esporte, especialmente o de contato, tem uma relação com a violência, refletindo comportamentos agressivos e a hegemonia masculina, com abusos como assédio e violência sexual. A presente pesquisa teve como objetivo analisar a percepção das mulheres sobre os fatores ambientais e institucionais no futsal que podem contribuir para a ocorrência de violência ou assédio durante a prática esportiva. Estudo observacional, analítico e transversal, realizado em 2024, com mulheres praticantes de futsal, amadoras e/ou profissionais, com idade igual ou superior a 18 anos, residentes em todo o território brasileiro. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online, divulgado em redes sociais entre março e junho de 2024, com os seguintes instrumentos: Questionário Semiestruturado para Mulheres praticantes de Futsal e o *Composite Abuse Scale*. Foram incluídas na pesquisa jogadoras de futsal amadoras, recreacionais ou profissionais acima de 18 anos. Participaram do estudo 141 mulheres. Os resultados foram apresentados em formato de 2 estudos: No primeiro, intitulado "O Futsal é para todas: ocorrência de assédio sofrido por mulheres no esporte", que investiga a frequência e os impactos do assédio dentro do ambiente esportivo, verificou-se que as barreiras percebidas por mulheres para prática do futsal foram: assédio sexual (23,4%, n=33) e desigualdade no esporte (93,6%, n=132). O segundo estudo, "Corpos Fortes, Lares Frágeis: A Violência Invisível na Vida das Atletas", examina as formas de violência por parceiros íntimos, incluindo pressões psicológicas, sociais e estruturais que afetam a trajetória das esportistas. Observou-se que mulheres que relataram sofrer abuso (CAS) apresentaram maior ocorrência de assédio durante a prática do futsal (13/40,6% vs. 6/5,5%, $p=0,024$) e durante treinos ou partidas (10/30,3% vs. 9/8,3%, $p=0,001$), indicando associação significativa entre violência no contexto doméstico e experiências de assédio no esporte. Conclusão: Diante dos resultados analisados, fica evidente que a violência de gênero, manifestada tanto por meio do assédio sexual no ambiente esportivo quanto pela desigualdade estrutural presente no futsal, constitui um obstáculo persistente à participação plena das mulheres na modalidade. A sobreposição entre assédio no esporte e violência por parceiro íntimo reforça a necessidade de ações integradas que promovam prevenção, acolhimento e responsabilização. Assim, torna-se imprescindível investir em políticas que garantam ambientes esportivos e familiares seguros, acolhedores e igualitários, assegurando que mulheres atletas possam exercer sua prática com dignidade, proteção e reconhecimento.

Palavras-chave: Feminino; Futebol; Obstáculos.

ABSTRACT

Violence against women manifests in various forms, including physical, psychological, sexual, patrimonial, and moral, in both public and private spaces. In sports, especially women's futsal, which faces historical barriers and gender stereotypes, the marginalization of women still persists despite Brazil's international prominence in the sport. Moreover, sports, particularly contact sports, are related to violence, reflecting aggressive behaviors and male dominance, including abuses such as harassment and sexual violence. This study aimed to analyze women's perceptions of environmental and institutional factors in futsal that may contribute to the occurrence of violence or harassment during sports practice. An observational, analytical, and cross-sectional study was conducted in 2024 with women futsal players, amateur or professional, aged 18 years or older, residing throughout Brazil. Data were collected through an online questionnaire distributed on social media between March and June 2024, using the following instruments: Semi-Structured Questionnaire for Women Futsal Players and the Composite Abuse Scale. Participants included futsal players of various levels—amateur, recreational, or professional—aged 18 or older. A total of 141 women participated in the study. Results are presented in two studies: The first, titled "Futsal is for Everyone: Occurrence of Harassment Experienced by Women in Sport", which investigates the frequency and impacts of harassment within the sports environment, found that the barriers perceived by women to futsal practice were sexual harassment (23.4%, n=33) and inequality in the sport (93.6%, n=132). The second study, "Strong Bodies, Fragile Homes: Invisible Violence in the Lives of Athletes", examines forms of intimate partner violence, including psychological, social, and structural pressures affecting athletes' trajectories. It was observed that women reporting abuse (CAS) experienced higher occurrences of harassment during futsal practice (13/40.6% vs. 6/5.5%, $p=0.024$) and during training or matches (10/30.3% vs. 9/8.3%, $p=0.001$), indicating a significant association between domestic violence and harassment experiences in sports. Conclusion: Inequality in sports and sexual harassment experienced during futsal practice are the main barriers to women's participation in this sport. Furthermore, it is important to develop measures that support women in sports, ensuring that both their homes and sports environments are free from abuse.

Keywords: Women; Football; Barriers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiro jogo entre mulheres em 1966	24
Figura 2 - Primeira equipe de futebol feminino.....	25
Figura 3 - Jornal da época "Zero a Zero das boazudas"	26
Figura 4 - Atleta Rebecca Cheptegei vítima de VPI.....	28
Figura 5 - Pesquisa feita pelo Globo Esporte, violência contra a atleta.....	31
Figura 6 - Divulgação da pesquisa em mídia social.....	34
Figura 7 - Desenho do estudo.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Seleção para estudo piloto36

Quadro 2 - Perguntas adicionadas no questionário apos estudo piloto 37

LISTA DE TABELAS

O Futsal é para todas: prevalência de assédio sofrido por mulheres no esporte.

Tabela 1 - Características sociodemográficas das jogadoras de futsal
participantes da pesquisa. 44

Tabela 2 - Situações de violência contra mulheres atletas de futsal.....46

Tabela 3 - Segurança em relação ao profissional do esporte 46

Tabela 4 - Percepção das mulheres a respeito da desigualdade no
futsal. 47

Corpos Fortes, Lares Frágeis: A Violência Invisível na Vida das Atletas.

Tabela 1 - Percepção das mulheres a respeito da desigualdade no
futsal 59

Tabela 2 - Correlação entre a percepção de assédio no futsal e a ocorrência de
violência por parceiro íntimo60

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CAS - *Composite Abuse Scale*.

CEP - Comitê de ética e pesquisa.

CND - Conselho Nacional de Desportos. COI –
Comitê Olímpico Internacional.

FIFA - *Fédération Internationale de Football Association*. FIFUSA -
Federação Internacional de futebol de salão.

MPS - Suporte entre pares masculinos.

TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido. VPI -
Violência por parceiro íntimo.

UFPR - Universidade Federal do Paraná.

LISTA DE SÍMBOLOS

® - marca registrada

Sumário

INTRODUÇÃO	18
1. OBJETIVOS	19
1.1 Objetivo geral	20
1.2 Objetivos específicos	20
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.1 Gênero, Corpo e Violência.....	21
2.2 “Juntas, driblamos barreiras.” Futsal feminino: o início de grandes jogadas.....	23
2.3 Conquistas das mulheres após anos de luta	24
2.4 Políticas Públicas e Saúde Coletiva: O Papel do Futsal na Promoção da Saúde e Inclusão Social	27
2.5 Violência de Gênero no Esporte e no Ambiente Familiar: Impactos na Trajetória de Mulheres Atletas	28
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	32
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	33
3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	33
3.3 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	33
3.4 AMOSTRA.....	34
3.5 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	34
3.5.1 Questionário Semiestruturado para Mulheres praticantes de Futsal.....	35
3.5.2 <i>Composite abuse scale</i> : tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro	36
3.6 ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	36
3.6.1 ESTUDO PILOTO	37
3.6.2 PRINCÍPIOS ÉTICOS.....	37
4. RESULTADOS ESTUDO PILOTO	38

5. O Futsal é para todas: Ocorrência de assédio sofrido por mulheres no esporte	40
6. Corpos Fortes, Lares Frágeis: A Violência Invisível na Vida das mulheres praticantes de Futsal	54
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	73
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA MULHERES PRATICANTES DE FUTSAL	76
APÊNDICE C – PAGINA INICIAL QUESTIONARIO PUBLICADO	84
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	85
ANEXO B – COMPOSITE ABUSE SCALE	89

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher refere-se a qualquer ato de agressão que cause danos ou até mesmo à morte, a qual pode ser física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral, tanto em ambientes públicos quanto privados. No Brasil, a Lei Maria da Penha foi criada com o objetivo de combater e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, estabelecendo medidas de proteção e apoio às vítimas (Belloli; Alves Dos Santos; Candido De Bortoli, 2024).

O assédio independe da relação de poder, é toda tentativa de obter vantagem ou favorecimento sexual através de condutas reprováveis, indesejáveis e rejeitáveis, como ameaças ou imposição de condições para se continuar no ambiente esportivo ou no trabalho, além de outras manifestações agressivas de índole sexual, que prejudicam a atividade da vítima (Onu Mulheres, 2016).

No Brasil, a Secretaria de Políticas para as Mulheres, criada em 2003 e desde 2015 integrada ao Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos desempenha papel essencial na promoção da equidade de gênero. Seu principal objetivo é valorizar a mulher e garantir sua inclusão em todas as esferas do desenvolvimento social, econômico, político e cultural. Para tanto, estabelece diálogo contínuo com diversos setores, visando implementar políticas públicas eficazes que assegurem os direitos femininos.

Nesse contexto, em 2013, o governo federal incorporou um capítulo no III Plano Nacional de Política para as Mulheres, enfatizando a necessidade de desenvolver diretrizes e planos de ação para o esporte praticado por mulheres. No entanto, a implementação dessas políticas ainda é limitada, exigindo ações mais estruturadas para garantir equidade de oportunidades e acesso das mulheres ao esporte.

O futsal feminino, regulamentado pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) desde 23 de abril de 1983 (Santana, 2003), é uma modalidade amplamente difundida no Brasil. Contudo, o futsal e o futebol são historicamente considerados esportes masculinos, com barreiras discriminatórias impostas às atletas mulheres. Essas restrições ocorrem de forma persistente, limitando o avanço e a visibilidade do futsal feminino (Tamashiro *et al.*, 2022).

Mesmo com o Brasil dominando o cenário internacional do futsal feminino, vencendo todas as seis edições do Torneio Mundial de Futsal Feminino da FIFA desde 2010, ainda há preconceitos e estereótipos de gênero enraizados nessa prática esportiva. A ideia de que o futsal é uma atividade essencialmente masculina perpetua

questionamentos sobre a feminilidade das atletas, reforçando padrões tradicionais de gênero e marginalizando a presença feminina nesse esporte (Tamashiro *et al.*, 2022).

A relação entre esporte e violência é um tema amplamente discutido. Nos esportes coletivos de contato, a violência muitas vezes é legitimada, e estudos apontam para uma conexão entre esportes e comportamentos agressivos. O esporte, tradicionalmente masculinizado, reflete e reforça a hegemonia masculina e a violência associada a esse contexto (Clark, 2017; Forsdike, O'Sullivan e Hooker, 2022).

Além disso, o esporte tem um histórico de tolerância à violência e aos abusos, variando desde agressões psicológicas e físicas até casos de assédio e violência sexual contra jovens atletas. Mulheres envolvidas no meio esportivo, seja como atletas, treinadoras ou dirigentes, estão sujeitas a essas formas de violência dentro e fora das quadras (Forsdike, Donaldson e Seal, 2022).

No contexto do futsal feminino, diversas formas de preconceito se manifestam, como a segregação, a erotização do corpo feminino e a vigilância sobre a identidade de gênero das atletas. Esses fenômenos têm suas raízes socioculturais na ideia da fragilidade feminina e na suposta inferioridade atlética das mulheres. Argumentos biológicos são frequentemente utilizados para desencorajar a participação feminina no futebol e futsal (Teixeira & Caminha, 2012).

Diante desse cenário, este estudo busca responder à seguinte questão: qual a percepção das mulheres sobre os fatores ambientais e institucionais no futsal que influenciam a ocorrência de violência e assédio durante a prática esportiva? Para isso, é essencial compreender a realidade das mulheres no acesso ao futsal, traçando o perfil das atletas e analisando as condições do ambiente esportivo que impactam essa prática. O objetivo principal foi analisar a percepção das mulheres sobre os fatores ambientais e institucionais no futsal que podem contribuir para a ocorrência de violência ou assédio durante a prática esportiva.

A compreensão dessas dinâmicas fornece subsídios científicos para qualificar políticas públicas que visem reduzir desigualdades e fragilidades no futsal feminino.

1. OBJETIVOS

1.1 Objetivo geral

Analisar as barreiras e desafios enfrentados por mulheres praticantes de futsal e sua percepção sobre os fatores ambientais, socioculturais e institucionais que podem contribuir para a ocorrência de situações de violência ou assédio no esporte.

1.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o perfil sociodemográfico e de saúde de mulheres praticantes de futsal no Brasil;
- Identificar, na percepção das mulheres, quais barreiras enfrentam para praticar futsal no Brasil.
- Analisar a relação entre a ocorrência da violência por parceiro íntimo e a adesão a prática de futsal por mulheres.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Ao longo deste capítulo, são exploradas diferentes dimensões das barreiras enfrentadas pelas atletas de futsal. Inicialmente, são abordadas definições e conceitos fundamentais associados a essa prática. Em seguida, é delineada a evolução do futsal feminino, destacando seu crescimento e transformações ao longo do tempo, com ênfase na inclusão das mulheres neste cenário.

Considerando que o cerne deste estudo se concentra na análise do futsal brasileiro, o contexto local e as peculiaridades que moldam a participação feminina nesta modalidade esportiva também são apresentados. Por último, são destacadas as barreiras que as mulheres enfrentam para o engajamento em atividades físicas e esportivas, conforme documentado na literatura, identificando os principais desafios que podem restringir a participação feminina no futsal.

A compreensão desses aspectos é fundamental para um entendimento abrangente do contexto da mulher no âmbito esportivo, mais especificamente no futsal brasileiro, e sua relação com a promoção da saúde.

2.1 Gênero, Corpo e Violência

O gênero configura-se como uma identidade central na constituição dos sujeitos, sendo também um fator determinante na forma como são classificados socialmente. A nomeação do sexo, muitas vezes percebida como um ato neutro, atua como mecanismo de dominação e coerção, restringindo a construção da corporeidade e impondo modelos normativos de masculinidade e feminilidade. Essa imposição não reconhece a pluralidade de existências e experiências de gênero, reforçando padrões excludentes e hegemônicos (Mourão, 2005).

A diferença anatômica entre homens e mulheres, por si só, não possui um significado social. É a partir das estruturas de gênero historicamente produzidas que essa distinção biológica adquire sentidos normativos. A transformação dessa diferença em hierarquia revela um constructo social que sustenta desigualdades entre os sexos. Neste contexto, a violência doméstica emerge como um fenômeno

multidimensional, no qual a agressão verbal e a violência psicológica assumem papel central. Elementos como “instinto materno”, frequentemente mobilizados para justificar a permanência da mulher em situações de abuso, evidenciam como determinadas construções simbólicas operam na manutenção de vínculos opressores em nome da família ou dos filhos (Signorelli, 2011).

A distinção entre sexo e gênero, propõe que o sexo seja uma característica biológica e natural, enquanto o gênero é construído socialmente. No entanto, Judith Butler (2003), questiona essa separação, argumentando que ela reproduz um modelo binário semelhante ao da relação entre significante e significado. Ao problematizar a ideia de que o gênero deriva do sexo, a autora sugere que essa diferenciação é arbitrária e construída, afirmando: “Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma” (Rodrigues, 2012; Butler, 2003).

Essas desigualdade também se manifestam nas narrativas midiáticas sobre a participação feminina no esporte. No futebol, por exemplo, as manchetes frequentemente reiteram o lugar subordinado das mulheres, associando a prática esportiva à conciliação com papéis domésticos. Títulos como “*O futebol depois da louça lavada*”, “*Mesa tirada, rumo à praia para o futebol*” e “*Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol*” revelam um discurso que condiciona a presença das mulheres no esporte ao cumprimento de expectativas tradicionalmente femininas (Mourão, 2005). A compreensão das barreiras de gênero no esporte passa também pela análise dos processos psicológicos que influenciam o desempenho das atletas. Nesse sentido, a ameaça do estereótipo (Cardozo, 2018).

A ativação de estereótipos negativos relacionados ao gênero pode afetar negativamente a aprendizagem e a execução de habilidades motoras, comprometendo a confiança e o desempenho das mulheres em contextos esportivos. Assim, as limitações impostas não decorrem apenas de fatores sociais ou estruturais, mas também de mecanismos internos que reforçam a desigualdade, evidenciando a necessidade de estratégias que promovam ambientes esportivos psicologicamente seguros e inclusivos para a participação plena das mulheres (Cardozo, 2018).

Neste sentido, compreender a visão das mulheres praticantes de futsal sobre as barreiras que enfrentam para tal prática esportiva é fundamental.

2.2 “Juntas, driblamos barreiras.” Futsal feminino: o início de grandes jogadas

Embora o Brasil seja um dos maiores representantes mundiais do futsal, esse esporte, ao contrário do futebol, enfrenta desafios para alcançar maior visibilidade, apoio e condições adequadas para sua prática. Distante do glamour e dos holofotes que garantem contratos milionários e honrarias aos jogadores, o futsal trilha um caminho mais modesto, buscando até mesmo ser reconhecido como esporte olímpico. Com seu primeiro campeonato mundial realizado em 1982 e sua organização sob a tutela da FIFA (Federação Internacional de Futebol) apenas em 1990, o futsal tem uma história recente, marcada por lutas políticas por visibilidade e reconhecimento (Silva; Nazário, 2018).

A prática do futsal feminino, tradicionalmente associada a um esporte masculino, revela-se como um espaço de resistência e construção identitária para as mulheres envolvidas. Por meio do associativismo esportivo, essas atletas criam redes de apoio e convivência que transcendem a simples prática esportiva, promovendo a afirmação de suas identidades de gênero e sexualidade em um ambiente marcado por estereótipos e preconceitos. Essa sociabilidade esportiva proporciona não apenas o exercício físico, mas também o fortalecimento de vínculos sociais e a resistência coletiva às normas hegemônicas de gênero (Silva, 2018).

A Sociologia do Esporte apresenta um desenvolvimento ainda incipiente no Brasil e, considerando a própria trajetória da Sociologia, trata-se de um campo recente em escala mundial, cuja consolidação sistemática não antecede a década de 1960. As Ciências Sociais latino-americanas somente passaram a elaborar discursos explicativos e interpretativos sobre o esporte, validados pela comunidade científica, no último terço do século XX, apesar de o esporte moderno já ter adquirido significativa visibilidade social desde o final do século XIX (Bracht; Gomes; Almeida, 2014).

Essa lacuna histórica contribui para a naturalização de desigualdades e violências no esporte, incluindo o assédio e a discriminação de gênero sofridos pelas atletas, que por muito tempo permaneceram invisíveis e sem análise crítica. A escassez de estudos sociológicos sobre o contexto esportivo feminino explica, em parte, a manutenção de estruturas excludentes e a dificuldade de implementação de políticas de proteção e promoção da equidade, evidenciando a importância das

pesquisas contemporâneas que investigam o futsal feminino e os desafios enfrentados pelas mulheres nesse ambiente (Bracht; Gomes; Almeida, 2014).

Se para os homens ainda há desafios a superar, para a maioria das mulheres atletas a prática do futsal é ainda mais difícil e precária. Segundo Kessler (2010), a organização do futsal feminino começou no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Em 2002, foi realizado o primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, e a primeira seleção brasileira feminina de futsal foi formada nos anos 2000. Vale lembrar que os atletas homens já participavam de competições internacionais há mais de trinta anos, com seleções brasileiras masculinas em atividade desde 1969.

No circo, que o futebol feminino passou a configurar-se como uma performance pública. Tais exhibições, difundidas em diversas regiões do país, obtinham êxito principalmente como entretenimento, sem que o desempenho esportivo propriamente dito fosse valorizado, sendo reduzido a uma atração de caráter jocoso. Nos picadeiros, por meio de partidas adaptadas, as jogadoras transgrediam normas de conduta e vestimenta ao utilizarem “shorts curtos” e exporem tornozelos e coxas (Bonfim, 2023, p. 111). Embora aparentassem tratar-se de episódios fortuitos, esses eventos constituíram marcos significativos para a ampliação da visibilidade feminina no futebol, revelando mulheres capazes de executar habilidades atléticas frequentemente consideradas incompatíveis com o seu gênero (Gomes; Marchi Júnior, 2024).

2.3 Conquistas das mulheres após anos de luta

Ao longo dos anos, as mulheres têm lutado incansavelmente por visibilidade, liberdade, igualdade e sua inserção na sociedade. Esse esforço obteve resultados, onde elas conquistam seu lugar legítimo e são reconhecidas como agentes ativos e importantes na comunidade. Apesar das barreiras enfrentadas, especialmente nas últimas cinco décadas, as mulheres têm se mobilizado para modificar seu status na sociedade, ganhando reconhecimento após anos de luta contra desigualdades, proibições e preconceitos diários. Evoluíram de serem vistas como frágeis e relegadas ao lar para assumir novos papéis e responsabilidades, inclusive na sustentação econômica das famílias. Embora ainda enfrentem disparidades salariais em relação

aos homens, muitas mulheres agora trabalham tanto dentro quanto fora de casa, muitas vezes sendo autônomas e obtendo salários mais altos do que antes. As conquistas das mulheres em diversos campos sociais refletem sua significativa contribuição para o cenário atual (Pimentel, 2024).

Há quase 55 anos, em setembro de 1966, Lúcia Bertho Macedo fundou o primeiro time de futsal feminino da cidade de Palmares, no interior de Pernambuco. Naquele tempo, o futebol feminino era proibido por lei no Brasil, mas a jovem de 16 anos não se deixou intimidar: persuadiu suas amigas a formar uma equipe e aprender o esporte conforme mostra as imagens a baixo (figura 1, 2 e 3) (Globo esporte, 2021).

Figura 1 – Primeiro jogo entre mulheres em 1966



Fonte: Globo esporte (2021)

— Quando disse que também queria jogar futebol e organizei o time, foi um choque. As pessoas falavam mal, afirmando que íamos nos tornar como homens e que era algo para mulheres sem respeito — recorda Lúcia, hoje com 71 anos (Globo esporte, 2021).

Figura 2 – Primeira equipe de futebol feminino.



Fonte: Globo esporte (2021).

Uma foto minha foi tirada de costas, e a manchete publicada dizia: "Zero a Zero das Boazudas". Hoje, consigo reconhecer o quanto essa reportagem foi machista, mas na época, não tínhamos essa compreensão. Organizar esse evento feminino me proporcionou confiança e me fez acreditar em mim mesma. Pensei: "Posso tudo, vou ser o que eu quiser". Todo o esforço que dediquei valeu a pena – ressalta Lúcia (Globo esporte, 2021).

Figura 3 – Jornal da época "Zero a Zero das boazudas"



Fonte: Globo esporte (2021).

2.4 Políticas Públicas e Saúde Coletiva: O Papel do Futsal na Promoção da Saúde e Inclusão Social

A participação das mulheres brasileiras no esporte começou em meados do século XIX, mas foi a partir das primeiras décadas do século XX que se expandiu e ganhou maior visibilidade no cenário urbano. O desenvolvimento industrial, as novas tecnologias, a urbanização das cidades, a chegada de imigrantes e o fortalecimento do Estado criaram novas possibilidades culturais, reconfigurando o espaço público com a inclusão de diversos grupos sociais. Com essas mudanças, ecoavam as lutas femininas empreendidas na Europa, projetando novas perspectivas para as mulheres brasileiras, incluindo uma maior presença na vida social das cidades. Essa mudança foi mais significativa para as mulheres das elites, que já frequentavam círculos intelectuais, festas e eventos sociais, e para quem o esporte se tornou uma opção acessível de entretenimento (Goellner, 2005a; Brasil, 2013).

Ao completar uma década de existência em 2013, o Ministério do Esporte gerou um crescente interesse acadêmico, com diversas pesquisas abordando temas como a visão dos gestores sobre esporte e lazer, a criação de espaços e equipamentos, a formação de agentes sociais, e as barreiras ao acesso ao lazer. Além disso, novas demandas emergiram, incluindo estudos sobre as novas abordagens de gestão pública, intersetorialidade (Silva; Borges; Amaral, 2015).

Considerando que o esporte é um campo de disputas e de significações, é essencial buscar estratégias para romper com as representações que, ao longo do

tempo, têm atribuído às mulheres um papel menor na história do esporte nacional (Goellner, 2005b).

Dessa forma, é possível afirmar que ser uma mulher que atua no esporte implica em enfrentar desafios que envolvem tanto questões individuais quanto profissionais. Identificar quais desses obstáculos podem ser interessados de maneira específica e quais são estruturais da própria profissão é essencial. Novais *et al.* (2022) apontam que o acesso e a permanência da mulher como uma treinadora de futsal são frutos da dedicação incessante ao trabalho e do esforço contínuo para evolução. No contexto das disparidades de gênero no esporte, que provêm de sua estrutura patriarcal, o espaço esportivo se configura como um domínio de hegemonia masculina. As práticas e relações dominantes que definem a função de treinadora estão imersas em normas e valores culturais, muitas vezes definidas por concepções masculinas, o que limitam a possibilidade de as mulheres modificarem ou adaptarem o acesso e a execução dessa função. Isso restringe, conseqüentemente, o seu desenvolvimento e emancipação como gestores de equipe (Vidal; Cezne, 2024).

2.5 Violência de Gênero no Esporte e no Ambiente Familiar: Impactos na Trajetória de Mulheres Atletas

A trajetória existente entre a vítima e o agressor no contexto esportivo dificulta a denúncia de abusos. Muitas agressões são enfrentadas, mas não há relatos de recebimento de processos judiciais ineficazes, além do risco de perder seus empregos ou sofrer punições, já que o agressor ocupa uma posição superior dentro da estrutura. A culpabilização da vítima também contribui para que as mulheres não busquem ajuda. Como resultado, o silêncio das vítimas alimenta o dor e o estigma de serem vítimas desse crime, levando-as a perder a confiança nos sistemas judiciais (Dias; Saraiva, 2022).

Embora existam plataformas destinadas a receber denúncias de abusos sexuais e morais no esporte, as dificuldades persistem. Dada a complexidade do problema, é essencial implementar serviços de assistência psicológica, além de políticas e ações específicas que integrem essas questões no atendimento às vítimas de abusos sexuais (Dias; Saraiva, 2022).

Um triste exemplo da violência por parceiro íntimo que atletas de alto

rendimento podem sofrer, é o que aconteceu com a atleta ugandense Rebecca Cheptegei (FIGURA 4). Menos de um mês após sua participação na maratona dos Jogos Olímpicos de Paris, que terminou no quadragésimo quarto lugar, seu ex-parceiro jogou gasolina nela e iniciou um incêndio. Queimada em mais de 80%, ela não resistiu aos ferimentos e faleceu (Le Monde, 2024).

Figura 4 – Atleta Rebecca Cheptegei vítima de VPI.



Fonte: Le Monde (2024)

Nos últimos anos, a violência tem impactado profundamente a comunidade atlética queniana. Em 2021, pouco depois do retorno das Olimpíadas de Tóquio, a bicampeã mundial Agnes Tirop foi assassinada pelo parceiro de Itén, um renomado centro de treinamento, em meio a uma disputa financeira. Esse crime brutal trouxe à tona a gravidade do feminicídio no país, especialmente no oeste do Quênia, onde o casamento forçado ainda é uma prática comum (Le Monde. 2024).

Treinadores veem a violência como um aspecto importante do esporte, mesmo em esportes sem contato físico direto, promovendo a agressividade para melhorar o desempenho. Linguagem agressiva, como "*sledging*" (intimidação verbal) ou "*bagging out*" (cutucadas), um termo usado na Austrália para zombar do adversário, pode confundir os limites do que é ou não aceitável no esporte, normalizando comportamentos depreciativos fora dele (Clark, 2017).

Na Espanha o *Alhama El Pozo*, time feminino que disputa a primeira divisão do Campeonato Espanhol, emitiu uma nota oficial em abril de 2023 informando que abriu sindicância interna para apurar denúncias contra o treinador Garcia, que é acusado de insultos e do envio de foto íntima em redes sociais para as atletas do clube (Globo Esporte, 2023).

Comparando a pesquisa realizada pelo Clark (2017) com a reportagem do Globo esporte (2024) e ilustrando na figura 5, ambas as investigações apontam que os comentários pejorativos, as críticas desproporcionais e as expressões de preconceito, muitas vezes baseadas em estereótipos de gênero, raça ou aparência física, continuam a ser uma constante no cenário do futebol. Essa postura reflete uma visão ultrapassada e ainda profundamente enraizada na sociedade, que perpetua a ideia de que os jogadores, especialmente os de maior exposição midiática, estão sujeitos a um julgamento mais rígido e tendencioso, muitas vezes baseado em aspectos alheios à sua capacidade técnica e ao seu desempenho em campo.

A reportagem do Globo Esporte reforça que, independentemente dos avanços sociais, as falas discriminatórias se mantêm presentes, reproduzindo narrativas antigas que diminuem o valor dos atletas, desconsiderando o esforço e a dedicação envolvidos no esporte de alto rendimento (Globo Esporte, 2024). É evidente que essa interligação entre as duas pesquisas demonstra que os preconceitos continuam a influenciar as opiniões públicas sobre o futebol, sendo fundamental o desenvolvimento de ações educativas e conscientizadoras para reforçar esse tipo de comportamento, tanto no ambiente esportivo quanto fora dele.

No esporte, as falas preconceituosas desvalorizam o esforço dos atletas, enquanto nas relações afetivas, a violência por parceiros íntimos causa danos físicos, psicológicos e emocionais. Dessa forma, fica evidente a importância de combater essas condutas por meio de ações educativas e de conscientização, que promovem o respeito e a igualdade em todas as esferas da sociedade.

A Violência por Parceiro Íntimo (VPI) refere-se a condutas abusivas dentro de uma relação afetiva, que podem causar danos físicos, sexuais ou psicológicos. Essas agressões incluem violência física, coerção sexual, abuso emocional e intimidação. Devido à sua natureza, especialmente no contexto da violência sexual, a sua dimensão e impacto reais muitas vezes permanecem subestimados (Rosa *et al.*,

2018).

A violência contra a mulher atinge todos os grupos sociais e econômicos, sendo o ambiente doméstico o principal cenário dessas ocorrências. No Brasil, em 2011, 70% dos atendimentos a mulheres vítimas de violência foram registrados como ocorridos dentro de suas próprias residências. A violência contra as mulheres é uma questão global que causa impactos negativos na vida de mulheres, crianças e homens (Forsdike; Donaldson; Seal, 2022; Oram; Khalifeh; Howard, 2017).

Globalmente, uma em cada três mulheres já foi vítima de violência física e/ou sexual por parte de um parceiro íntimo, ou violência sexual cometida por alguém fora de um relacionamento (Organização Mundial da Saúde, 2013). Na Austrália, uma em cada cinco mulheres com mais de 15 anos já foi vítima de violência sexual, uma em cada duas vítimas de assédio sexual, e uma em cada seis foi vítima de violência de um parceiro (Forsdike; Donaldson; Seal, 2022).

Em 2022, a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos revelou que quase 60% dos casos registrados de violência sexual envolviam vítimas entre 10 e 17 anos, sendo 74% dessas vítimas do sexo feminino (BRASIL, 2022). Esses dados evidenciam o impacto do machismo estrutural, que, ao longo do tempo, reforçou e perpetuou papéis de gênero na sociedade. A escala utilizada na presente pesquisa, a *Composite Abuse Scale* (CAS), desenvolvida na Austrália a partir da constatação da deficiência de instrumentos sensíveis e abrangentes para a identificação de diferentes formas de violência por parceiro íntimo (VPI), bem como para a avaliação da frequência com que essas violências ocorrem, foi traduzida e adaptada para o português brasileiro e é composto por quatro dimensões distintas (Signorelli, 2019).

Figura 5 – Pesquisa feita pelo Globo Esporte, violência contra a atleta.



Fonte: Globo esporte (2024).

A participação das mulheres no esporte tem aumentado ao longo dos anos, mas ainda esbarra em barreiras estruturais e desafios socioculturais profundos. Desde o preconceito enraizado até a violência explícita, as atletas enfrentam obstáculos que dificultam sua inserção e permanência em igualdade de condições no ambiente esportivo.

Nesse sentido, a presente dissertação está organizada considerando a metodologia geral e os resultados que analisam essas dificuldades foram organizados em dois estudos específicos. O primeiro, "O Futsal é para tod@s: prevalência de assédio sofrido por mulheres no esporte", examina a frequência e os impactos do assédio dentro do meio esportivo. O segundo, "Corpos Fortes, Lares Frágeis: A Violência Invisível na Vida das Atletas", aborda as formas de violência por parceiro íntimo, incluindo pressões psicológicas, sociais e estruturais que afetam a trajetória das esportistas.

Ao analisar esses estudos, busca-se evidenciar os desafios enfrentados pelas mulheres no esporte e estimular reflexões sobre medidas possíveis para a construção de um ambiente mais seguro, respeitoso e inclusivo.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Trata-se de um estudo analítico observacional transversal quali-quantitativo. Foram recrutadas para a pesquisa mulheres que praticam futsal, amadoras e/ou profissionais, com idade acima de 18 em todo o território brasileiro no ano de 2024.

A pesquisa foi realizada por meio de questionário on-line, disponibilizada por mídia social e aprovada pelo comitê de ética em pesquisas do setor de ciências humanas da UFPR (CEP 75715923.6.0000.0214). A divulgação foi realizada no período de Março de 2024 a junho de 2024.

3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

A população estudada incluiu praticantes de futsal do sexo feminino, de todo território brasileiro, com idade igual ou superior a 18 anos, jogadoras amadoras, recreacionais ou profissionais. Jogadoras amadoras refere-se a praticantes (do futsal por paixão e lazer, podendo competir em torneios locais ou regionais sem remuneração fixa). Elas treinam menos e geralmente possuem outras ocupações principais). Jogadoras recreacionais são aquelas que jogam apenas por diversão, sem compromisso com treinos ou competições organizadas. Normalmente participam de partidas casuais entre amigas, em clubes, escolas ou parques). Jogadoras profissionais são atletas que vivem do futsal, recebem salários, têm contratos e seguem uma rotina de treinos intensivos. Competem em ligas nacionais e internacionais, representando clubes ou seleções.

3.3 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Foram excluídos da pesquisa os questionários com o seu preenchimento incompleto e menores de 18 anos.

3.4 AMOSTRA

O dimensionamento da amostra foi determinado com base na proporção média de mulheres participantes de futsal. O cálculo amostral foi realizado com base na quantidade de mulheres praticantes de futsal cadastradas na temporada 2024 da Liga Feminina de Futsal no Brasil, isto é, 240 mulheres, utilizando um nível de confiança de 95% e um nível de precisão de 5%. A fórmula utilizada para o cálculo amostral foi: $n = (Z^2 * P * Q) / E^2$, onde: *n: número de indivíduos da amostra; Z: nível de confiança (1,96 para 95%); P: proporção de acerto esperado (50%); Q: proporção de erro esperado (50%); E: nível de precisão (4%). O cálculo resultou em um número amostral de 117 mulheres.

$$n = \frac{N \cdot p \cdot q \cdot (Z_{\alpha/2})^2}{p \cdot q \cdot (Z_{\alpha/2})^2 + (N - 1) \cdot E^2}$$

3.5 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário on-line, composto por perguntas objetivas e discursivas. O instrumento de pesquisa foi elaborado e disponibilizado na plataforma digital "Google Forms", contendo todas as instruções necessárias para o autopreenchimento, além de uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

O convite para participação na pesquisa foi amplamente divulgado por meio da mídia digital, enviando para clubes femininos, atletas amadoras e/ou profissionais envolvidos na área do futsal 02/2024 até 06/2024.

<https://forms.gle/7GUowFv28fpyoTp58>

Figura 6 – Divulgação da Pesquisa em Mídia Social.



Fonte: Os autores (2024)

O questionário aplicado on-line foi composto pelos seguintes instrumentos, detalhados a seguir:

3.5.1 Questionário Semiestruturado para Mulheres praticantes de Futsal

Questionário composto por 45 questões, desenvolvido pelos pesquisadores, contemplando aspectos relacionados à cor da pele, ocupação, ciclo menstrual/menopausa, patrocínio, participação em competições de futsal, preconceitos ou desmerecimento relacionados ao pré e pós jogo, sobre praticar ou não o futsal ou outro esporte profissionalmente, se recebe incentivo do governo, se é necessário transporte público, se é agenciado por alguma empresa, se existe segurança com o tratamento no departamento médico, percepção sobre segurança pública com o trajeto feito até o jogo, ocorrência de situações de vulnerabilidade durante a prática do futsal, como violência física e sexual, aspectos relacionados à saúde e questões sobre prevalência de lesões nas atletas pela prática esportiva.

3.5.2 *Composite abuse scale*: tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro

O "*Composite Abuse Scale*" (CAS), um instrumento, foi desenvolvido na Austrália em resposta à identificação, pela pesquisadora Dra. Kelsey Hegarty, da carência de instrumentos criteriosos e sensíveis para a identificação abrangente de diversos tipos de violência por parceiros íntimos (VPI) e, mais especificamente, para avaliar a frequência dessa violência. Assim, ela concebeu o CAS, um instrumento composto por quatro dimensões: Abuso combinado severo, Abuso físico, Abuso emocional e Assédio. Este instrumento, traduzido, adaptado e validado para o português brasileiro é aplicável a mulheres a partir dos 16 anos, independentemente de estarem grávidas ou não, e permite avaliar um período de até 12 meses (Signorelli, 2019).

3.6 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Foi empregada a estatística descritiva para a análise e apresentação dos dados coletados. Para as variáveis contínuas, foram adotadas medidas como a média e o desvio padrão, enquanto para as variáveis categóricas, foram utilizadas a frequência absoluta e relativa. O processo de organização e análise dos dados foi conduzido por meio do *software* Excel®.

O teste de qui-quadrado (χ^2) foi utilizado para verificar a existência de associação entre variáveis categóricas investigadas no estudo, como, por exemplo, a ocorrência de assédio no esporte e a presença de violência por parceiro íntimo. Esse teste compara as frequências observadas nas categorias com as frequências esperadas caso não houvesse relação entre as variáveis, permitindo identificar se as diferenças encontradas são estatisticamente significativas.

Para sua aplicação, foram consideradas as seguintes premissas: dados categóricos, independência entre as observações e frequência esperada mínima adequada nas células da tabela de contingência. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$). Quando o valor de p se foi inferior a 0,05, considerou-se que havia

evidência de associação entre as variáveis analisadas.

3.6.1 ESTUDO PILOTO

Para garantir a qualidade metodológica e a eficácia dos instrumentos de pesquisa, foi realizado um estudo piloto com 10 participantes mulheres. Conduzido em Março de 2024, identificando possíveis necessidades para melhora da qualidade da pesquisa conforme (Quadro 1).

Os participantes deram feedback verbal ou escrito para os pesquisadores a respeito das perguntas do questionário, potenciais dificuldades com o layout das respostas ou interpretação das mesmas de maneira que os ajustes fossem realizados para ampla divulgação.

Quadro 1 – Seleção para estudo piloto

Seleção estudo piloto	Duração	Resultado
10 pessoas foram selecionadas para o estudo piloto.	Período curto (dois dias).	O procedimento identificou necessidades de adequações no questionário, assegurando a qualidade metodológica dos dados coletados.

Fonte: Os autores (2025).

3.6.2 PRINCÍPIOS ÉTICOS

Os princípios éticos foram assegurados às participantes por meio do TCLE, que forneceu informações detalhadas sobre todos os procedimentos que envolvem a participação na pesquisa, bem como os potenciais riscos e benefícios associados a tal participação. Além disso, a confidencialidade e o sigilo dos dados individuais

coletados foram rigorosamente respeitados, de acordo com as regulamentações vigentes no Brasil (Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e Lei Geral de Proteção de Dados - Lei 13.709 de 2018).

4. RESULTADOS ESTUDO PILOTO

O questionário aplicado foi composto por 41 perguntas com base nos feedbacks foram acrescentadas mais 4 perguntas conforme consta no quadro 2. Assim, o questionário finalizado para aplicação no público alvo contou com 45 questões.

É importante refletir sobre episódios vívidos dentro das quadras, entender em que contextos ocorreram e como influenciaram a trajetória das jogadoras. Além disso, discutir a equidade entre homens e mulheres no meio esportivo permite compreender diferentes visões sobre as oportunidades e o reconhecimento dentro dessa área conforme mostra o (quadro 2).

Quadro 2 – Perguntas adicionadas no questionário apos estudo piloto

Adição de nova pergunta	Objetivo	Resultado Esperado
"Comente sobre situações em que sofreu preconceito durante a prática de futsal"	Avaliar experiências de preconceito na prática esportiva	Obter relatos sobre a experiência de preconceito no esporte.
"Onde ocorreu a situação?"	identificar o local em que ocorreu o preconceito	Compreender onde as situações de preconceito ocorrem.
"Para você, existe desigualdade entre homens e mulheres na prática esportiva?"	identificar percepções sobre desigualdade entre os gêneros no esporte	Obter opiniões sobre desigualdade de gênero no esporte.

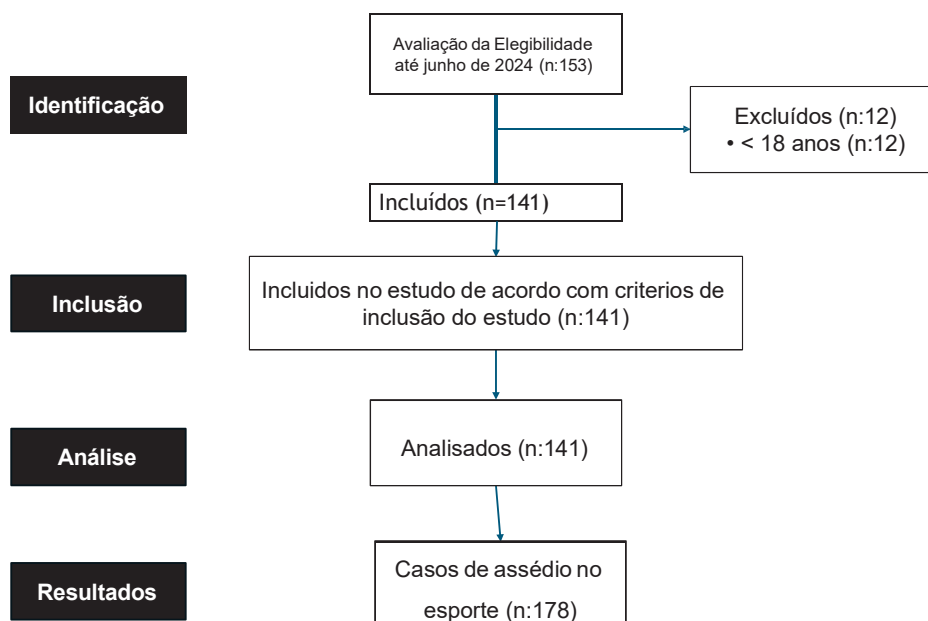
"Você se considera profissional, amadora ou joga por diversão?"	Melhorar a compreensão sobre o nível de envolvimento dos participantes no esporte	Melhor compreensão sobre o perfil das jogadoras.
---	---	--

Fonte: Os autores (2025).

RESULTADOS

Após finalização do estudo piloto e divulgação do questionário ao público alvo, o estudo obteve 153 participantes. Considerando os critérios de inclusão e exclusão contou com a participação de 141 jogadoras de futsal, com média de idade entre 27,77 anos (FIGURA 7).

Figura 7. Desenho do Estudo



Fonte: os autores (2025).

Para fins de organização, os resultados da dissertação foram apresentados em 2 estudos, sendo o estudo 1 intitulado “O Futsal é para todas: Ocorrência de assédio sofrido por mulheres no esporte” e o estudo 2 intitulado “Corpos Fortes, Lares Frágeis: A Violência Invisível na Vida das Atletas”

5. O Futsal é para todas: Ocorrência de assédio sofrido por mulheres no esporte.

Ocorrência de Assédio Sofrido por Atletas Mulheres

"Is Futsal for Everyone: Occurrence of Harassment Against Women in Sports"

Resumo

O futsal, amplamente praticado por homens e mulheres, tem visto crescimento em sua base de participantes, com o futsal feminino ganhando destaque global. Este estudo objetivou analisar as barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres na prática do futsal no Brasil. Estudo analítico observacional transversal, realizado em 2024 com mulheres acima de 18 anos praticantes de futsal no Brasil, por meio de um questionário *online*. Participaram do estudo 141 mulheres, com idade média de $27,77 \pm 6,65$. As barreiras percebidas por mulheres para prática do futsal foram: assédio sexual (23,4%, n=33) e desigualdade no esporte (93,6%, n=132). Além disso, as atletas relataram desafios relacionados ao trabalho em tempo integral (48,9%, n=69) e não se sentem seguras no ambiente esportivo (44,7%, n= 63). As mulheres enfrentam barreiras socioculturais e institucionais, como preconceitos, assédio e desigualdade de gênero, que limitam sua participação plena no esporte. Portanto verifica-se a importância da realização de políticas públicas visem melhorar o cenário do futsal feminino, para erradicar preconceitos e garantir equidade no esporte.

Palavras-chave: Feminino; Futebol; Barreiras.

Abstract

Futsal, widely played by both men and women, has seen a growing number of participants, with women's futsal gaining global recognition. This study aimed to analyze the barriers and challenges faced by women in futsal in Brazil. It is an analytical, cross-sectional observational study conducted in 2024 with women over 18 years old who practice futsal in Brazil, using an online questionnaire. A total of 141 women participated in the study, with a mean age of 27.77 ± 6.65 . The barriers perceived by women in practicing futsal included sexual harassment (23.4%, $n=33$) and inequality in sports (93.6%, $n=132$). Additionally, athletes reported challenges related to full-time work (48.9%, $n=69$) and not feeling safe in the sports environment (44.7%, $n=63$). Women face sociocultural and institutional barriers, such as prejudice, harassment, and gender inequality, which limit their full participation in sports. Therefore, the implementation of public policies aimed at improving the landscape of women's futsal is crucial to eradicating prejudice and ensuring equity in sports.

Keywords: Women's; Futsal; Barriers.

Introdução

O futsal, modalidade que compartilha várias semelhanças com o futebol, é praticado mundialmente por homens e mulheres, em ligas profissionais e amadoras. Observa-se nesse esporte crescimento na sua base de praticantes e aumento do reconhecimento global. Em particular, o futsal feminino tem ganhado cada vez mais destaque em todas as confederações internacionais e na mídia televisiva. Como resultado dessa crescente popularidade, a primeira competição mundial foi realizada em 2010, e atualmente existem várias ligas profissionais de alto nível competitivo (TAVARES, 2024).

Ao longo dos anos, as mulheres têm lutado incansavelmente por visibilidade, liberdade, igualdade e sua inserção na sociedade. Esse esforço resultou em uma divisão social, onde elas conquistam seu lugar legítimo e são reconhecidas como agentes ativos e importantes na comunidade. Apesar das barreiras enfrentadas, especialmente nas últimas cinco décadas, as mulheres têm se mobilizado para modificar seu status na sociedade, ganhando reconhecimento após anos de luta contra desigualdades, proibições e preconceitos diários. Evoluíram de serem vistas como frágeis e relegadas ao lar para assumir novos papéis e responsabilidades, inclusive na sustentação econômica das famílias. Embora ainda enfrentem disparidades salariais em relação aos homens, muitas mulheres agora trabalham tanto dentro quanto fora de casa, muitas vezes sendo autônomas e obtendo salários mais altos do que antes. As conquistas das mulheres em diversos campos sociais refletem sua significativa contribuição para o cenário atual ((PIMENTEL; FARIAS; SOUZA, 2024).

A prática do futsal feminino só foi oficialmente permitida em 1983, quando o extinto Conselho Nacional de Desportos (CND) regulamentou sua prática. Na mesma época, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) também concedeu sua autorização para o futsal feminino. O crescimento do futsal feminino foi impulsionado, em parte, pela necessidade política de promover o esporte de maneira igualitária entre homens e mulheres, com o objetivo de obter reconhecimento do Comitê Olímpico Internacional (TAMASHIRO; GALATTI, 2018).

No que diz respeito aos objetivos traçados, é evidente que o futebol feminino enfrenta diversas formas de preconceito, como a sexualização do corpo feminino e o questionamento da identidade de gênero das atletas. Essas atitudes discriminatórias têm

raízes socioculturais profundas, baseadas no mito da fragilidade feminina e em crenças antigas sobre a suposta falta de capacidade atlética das mulheres. Um argumento comumente usado para desestimular a participação das mulheres no futebol é a ênfase no controle biológico sobre a aparência corporal feminina (MATTÉ BALDESSAR; BRANDT DE MACEDO; GIANELLO GNOATO ZOTZ, 2023).

Em 2013, o governo brasileiro destacou a relevância das ações e estratégias voltadas para a inclusão das mulheres no esporte ao dedicar um capítulo do III Plano Nacional de Políticas para as Mulheres a esse tema. Embora políticas públicas tenham sido implementadas para melhorar as condições da prática esportiva feminina, elas ainda são insuficientes. Por isso, é crucial que a ciência reconheça os preconceitos e abusos enfrentados por jogadoras de futsal, já que a sociedade impõe desafios significativos à prática esportiva feminina. Com base nessas informações, é possível fornecer subsídios e apoio a gestores na criação de políticas públicas que garantam um ambiente sem obstáculos, favorecendo a participação feminina em eventos esportivos e contribuindo para a redução das barreiras que as mulheres enfrentam ao praticar futsal (BRASIL, 2013).

Diante deste contexto, o presente artigo verificou as barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres na prática do futsal no Brasil, destacando as barreiras socioculturais e institucionais que limitam sua participação plena no esporte.

1 Metodologia

Trata-se de um estudo analítico observacional transversal quali-quantitativo. Foram recrutados para a pesquisa mulheres que praticam futsal, amadoras ou profissionais, com idade acima de 18 anos em todo o território brasileiro no ano de 2024. A pesquisa foi realizada por meio de questionário on-line, disponibilizado pelas mídias sociais (e-mail, Instagram e Whatsapp) e também enviado para clubes femininos, atletas amadoras e profissionais envolvidos na área do futsal, no período de março de 2024 a junho de 2024. Aprovado pelo comitê de ética em pesquisas do setor de ciências humanas (CEP 75715923.6.0000.0214). Foram excluídos da pesquisa os questionários com o seu preenchimento incompleto e mulheres menores de 18 anos de idade.

Foi utilizado o questionário semiestruturado para praticantes de futsal, desenvolvido pelos pesquisadores composto por 45 questões, sendo 12 questões contemplando aspectos relacionados à cor da pele, ocupação, participação em competições de futsal, preconceitos ou desmerecimento relacionados ao pré e pós jogo,

sobre praticar ou não o futsal, se existe segurança com o tratamento no departamento médico, percepção sobre segurança pública com o trajeto feito até o jogo, ocorrência de situações de vulnerabilidade durante a prática do futsal, como violência física e sexual, aspectos relacionados à saúde e questões sobre prevalência de lesões e sobre nas atletas pela prática esportiva.

Este estudo também adotou uma abordagem qualitativa para analisar as experiências e desafios enfrentados por mulheres jogadoras de futsal. A pesquisa baseou-se na coleta e análise de relatos escritos dos participantes, buscando compreender a profundidade e a complexidade das vivências relatadas. A análise qualitativa dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo considerando as seguintes categorias: assédio e importunação sexual, desvalorização e subestimação das habilidades esportivas, barreiras institucionais e sociais à participação feminina no esporte.

Análise dos dados

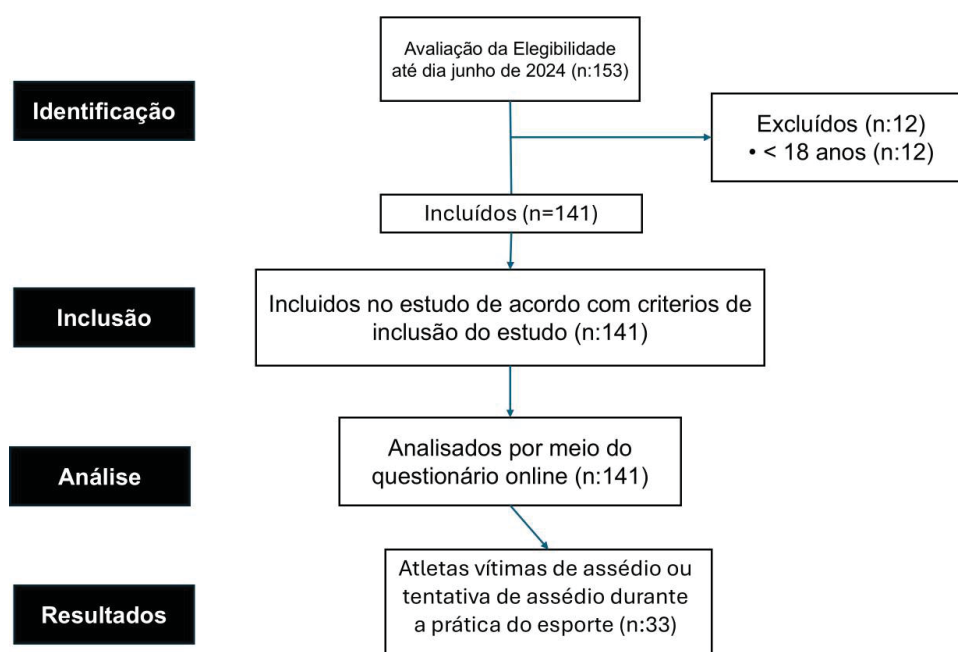
O dimensionamento da amostra foi determinado com base na proporção média de mulheres participantes de futsal. O cálculo amostral foi realizado com base na quantidade de mulheres praticantes de futsal cadastradas na temporada 2024 da Liga Feminina de Futsal no Brasil, isto é, 240 mulheres, utilizando um nível de confiança de 95% e um nível de precisão de 5%. A fórmula utilizada para o cálculo amostral foi: $n = (Z^2 * P * Q) / E^2$, onde: *n: número de indivíduos da amostra; Z: nível de confiança (1,96 para 95%); P: proporção de acerto esperado (50%); Q: proporção de erro esperado (50%); E: nível de precisão (4%). O cálculo resultou em um número amostral de 117 mulheres.

A análise dos dados foi realizada no software *IBM SPSS Statistics*, versão 20.0. Inicialmente, aplicou-se estatística descritiva, com apresentação dos dados em frequências absolutas e relativas para variáveis categóricas, e em média e desvio-padrão para variáveis contínuas. As informações qualitativas provenientes dos relatos das atletas foram submetidas à técnica de análise de conteúdo, que envolveu a leitura detalhada das respostas e a categorização de temas recorrentes, como "assédio no ambiente esportivo" e "desigualdade de gênero". Esse procedimento permitiu compreender aspectos subjetivos e contextuais que complementaram os resultados quantitativos.

2 Resultados

Responderam ao questionário 153 mulheres jogadoras de futsal, considerando os critérios de inclusão e exclusão, participaram do estudo 141 mulheres jogadoras de futsal, maiores de 18 anos (FIGURA 1).

Figura 1. Desenho Do Estudo



Fonte: Os Autores (2025)

Na tabela 1 que mostra sobre Características sociodemográficas das jogadoras de futsal participantes da pesquisa, as mulheres participantes deste estudo têm média de idade de 27,77 anos, sendo prevalente 63,8% branca, 48,9 % trabalha em período integral, 15,6 % tem filhos.

Tabela 1. Características sociodemográficas das jogadoras de futsal participantes da pesquisa

Variável	N	(%)
Faixa Etária (Anos)		
18 a 29	84	59,5
30 a 39	39	27,6
40 a 49	7	4,9
50 ou mais	1	0,7
Não responderam	10	7,0
Cor da pele		
Branca	90	63,8
Parda	39	27,7
Amarela	1	0,7
Preta	10	7,1
Prefiro Não Responder	1	0,7
Número de filhos		
0 Filhos	120	85,1
1 Filho	16	11,3
2 Filhos	3	2,1
3 Filhos	1	0,7
5 Filhos	1	0,7
Ocupação		
Emprego Em Tempo Integral	69	48,9
Emprego Em Tempo Parcial	23	16,3
Atleta Profissional	19	13,5
"Do Lar"	2	1,4

Variável	N	(%)
Estudante	26	18,4
Desempregada	2	1,4
Atleta Profissional	2	0,5

Fonte de renda

Tem fonte de renda	109	77,3
Não tem fonte de renda	27	19,1
Prefiro não responder	5	3,5

Fonte: Os Autores (2024).

Na tabela 2 sobre situações de violência contra mulheres atletas de futsal, foram registradas 178 situações de assédio e abusos no esporte (126,24%), destacando a gravidade da situação enfrentada por essas mulheres, com média de idade de $27,77 \pm 6,65$ (tabela 2).

Tabela 2 Situações De Violência Contra Mulheres Atletas De Futsal

	%	(N)
Cantadas Indesejadas	40,7	55
Gestos Obscenos	8,88	12
Mensagens Inoportunas Por Treinadores	9,6	13
Olhares Insistentes	34,8	47
Receber Comentários De Cunho Sexual	25,1	34
Ser Beijada A Força	0,7	1
Ser Encoxada	5,9	8
Ser Fotografada Sem Autorização	5,9	8

Fonte: Os Autores (2025).

A tabela 3 apresenta os dados Segurança em relação ao profissional do esporte. Das 141 atletas de futsal entrevistadas, 44,7% (n=63) afirmaram não se sentirem totalmente seguras para atuar no esporte devido a questões de opressões e assédios.

Tabela 3 – Segurança em relação ao profissional do esporte.

O sentimento de segurança diária que tem em trabalhar com os profissionais homens no esporte.	n	(%)
Muito segura	27	19,1
Segura	51	36,2
Pouco segura	35	24,8
Não se sente segura	22	15,6
Não se sente segura e parou	6	4,3

FONTE: Os autores (2025).

A tabela 4 apresenta as informações relativa à Percepção das mulheres a respeito da desigualdade no futsal. Verifica-se que 93,6% (n=132 das participantes indicaram a existência de disparidades entre homens e mulheres no esporte. Além disso, 54,6% (n=77) das atletas já sofreram preconceito ou desmerecimento pela razão de serem mulheres praticando futsal. Em relação ao assédio 23,4% (n=33) relataram ter sido vítimas de assédio ou tentativa de assédio durante a prática do esporte.

Tabela 4 – Percepção das mulheres a respeito da desigualdade no futsal.

Existe desigualdade entre homens e mulheres na prática esportiva?	(n)	%
	132	
Sim	93,6	
Não	9	6,4
Você já sofreu algum preconceito ou desmerecimento por ser mulher, atleta de futsal?	(n)	%

	77	
Sim	54,6	
	64	
Não	45,4	
Você já foi assediada ou sofreu alguma tentativa de assedio durante a pratica do futsal?		
	(n)	%
	33	
Sim	23,4	
	108	
Não	76,6	

FONTE: Os autores (2024

Os números apresentados oferecem um panorama da percepção das mulheres sobre a segurança no ambiente esportivo e a desigualdade de gênero no futsal. No entanto, para compreender a profundidade dessas experiências, é essencial ir além dos dados e explorar os relatos individuais das atletas. As respostas escritas revelam não apenas estatísticas, mas também as vivências e sentimentos das jogadoras diante da discriminação, do preconceito e do assédio. A seguir, alguns depoimentos que ilustram a realidade enfrentada por essas mulheres no esporte, evidenciando os desafios diários que comprometem seu bem-estar e sua permanência na modalidade.

Considerando o “assédio e importunação sexual” Uma das participantes relatou um incidente ocorrido próximo ao vestiário, onde ouviu um comentário sexual vindo da arquibancada:

"Eu deixaria aquela 12 com as pernas "bambinhas" no meu quarto".

"Em um campeonato, os meninos que iam assistir lá da cidade ficavam o jogo inteiro falando comentários nojentos em relação à aparência e corpo das jogadoras"

O relato mostra como, além do comentário agressivo, o assediador recebeu apoio dos amigos, que riram e incentivaram a atitude, reforçando a cultura de objetificação das mulheres.

"Sofri importunação quando tinha 15 anos"

Este relato destaca a vulnerabilidade das jovens atletas que, em fase de formação, enfrentam comportamentos inadequados que podem impactar negativamente seu desenvolvimento no esporte.

Na categoria “desvalorização e subestimação das habilidades esportivas” os relatos incluíram insultos verbais que questionam a presença feminina no futsal:

"Que ruim, mas também é mulher, né?"

"Nem tem força no chute e quer jogar",

"Sai daí que lugar de mulher é na cozinha e não em quadra"

As mulheres que jogam com homens relatam a constante subestimação de suas capacidades e habilidades. Esse tipo de comportamento reflete uma visão estereotipada de que as mulheres não possuem a mesma competência atlética que os homens, criando um ambiente desmotivador e excludente.

E nas “barreiras institucionais e sociais à participação feminina no esporte” outros insultos como:

"Sofri preconceito uma vez com 17 anos que eu jogava uma liga pela minha cidade por ter cortado meu cabelo curto e moicano"

"Sapatão magrela perna de pau"

"Comentários e atitudes preconceituosas em relação a deficiência da mão direita ex: deixar de ser cumprimentada no início ou final da partida, ao perceberem a deficiência"

4. Discussão

As mulheres participantes deste estudo têm média de idade de 27,77 anos, sendo prevalente 63,8% branca, 48,9 % trabalha em período integral, 15,6 % tem filhos. Na presente pesquisa realizada com atletas de futsal, 93,6% das participantes indicaram a existência de disparidades entre homens e mulheres no esporte

Ainda se verificou que uma das causas percebidas pelas mulheres para a desigualdade de gênero no futsal é o fator econômico, refletido na falta de investimentos adequados em patrocínios, subsídios e remuneração para as atletas. A cobertura limitada e frequentemente distorcida das mulheres nos meios de comunicação também contribui para sua invisibilidade, reforçando uma visão predominantemente masculina do futebol e do futsal. Portanto, apesar dos esforços para aumentar a presença feminina, o

suporte e reconhecimento atuais são insuficientes para eliminar a discriminação enfrentada pelas mulheres no futsal. Para promover verdadeira mudança social, é crucial que o apoio se estenda além dos sistemas diretamente relacionados às atletas, abrangendo práticas, culturas e políticas mais amplas que perpetuam a inclusão das mulheres no esporte.

Apesar de iniciar a prática esportiva no Brasil em 1966, elas ainda enfrentam pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes, nas associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer. Goellner sugere que essa baixa visibilidade das mulheres no futebol está relacionada à conexão entre o futebol e a masculinização da mulher, bem como à naturalização de um ideal de feminilidade que associa diretamente mulher, feminilidade e beleza. Esses fatores reforçam a escassez de mulheres em modalidades como o futebol e as artes marciais, mesmo com o crescimento do número de praticantes nos últimos anos (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013).

Tais achados dialogam com estudos clássicos e contemporâneos sobre gênero e futebol feminino (GOELLNER, 2005a; GOELLNER, 2005b; DÍAZ-HERRERA et al., 2022) que revelam evidências consistentes sobre a desigualdade, falta de políticas públicas, oportunidades e o poder trabalhar com o esporte de forma única, sem ter outro vínculo empregatício. O esporte surge como um poderoso agente de transformação, oferecendo inclusão, disciplina e esperança. No entanto, a falta de incentivos e investimentos torna difícil para muitos atletas viverem exclusivamente do esporte, obrigando-os a buscar outras formas de sustento. É essencial que governos e empresas criem políticas que possibilitem aos talentos esportivos se dedicarem integralmente, garantindo suporte financeiro, estrutura e reconhecimento para que o esporte seja, de fato, um caminho viável de ascensão social.

No que diz respeito às violências e abusos reportados por mulheres participantes da presente pesquisa, a literatura confirma tais achados sobre a sexualização das mulheres no âmbito esportivo (MATTÉ BALDESSAR; BRANDT DE MACEDO; GIANELLO GNOATO ZOTZ, 2023). A experiência dessas mulheres jogadoras de futsal exemplifica como o preconceito de gênero está enraizado não apenas nas atitudes de espectadores e colegas, mas também em uma cultura mais ampla que desvaloriza a presença feminina em esportes predominantemente masculinos.

As situações de violência reportada por mulheres jogadoras de futsal neste estudo relataram que a maioria relatou ter recebido cantadas indesejadas (n:55 %40,7), seguido de olhares insistentes (n:47 %34,8), comentários de cunho sexual (n:34 %25,1), além de mensagens inoportunas por treinadores, dentre outras situações de violências relatadas.

A literatura especializada tem evidenciado que determinadas construções de masculinidade, associadas a contextos esportivos, favorecem a legitimação da violência contra as mulheres (MORRIS; RATAJCZAK, 2019; SCHWARTZ, 2021), reafirma a conexão entre esporte, masculinidades e violência contra mulheres, destacando a teoria do suporte entre pares masculinos (MPS). De acordo com o autor, a teoria MPS explica como o suporte e as mensagens de pares masculinos que promovem a dominação sobre as mulheres estão associados a uma variedade de danos, como agressão sexual, violência física e assédio. Esta teoria foi recentemente reconhecida como uma das mais influentes na análise de masculinidade e violência.

O medo gerado por essas situações vai além do impacto imediato, afetando a confiança e o desempenho dos atletas, além de perpetuar um ciclo de desigualdade e exclusão. Para transformar essa realidade, é essencial que o esporte implemente medidas mais rigorosas de prevenção e combate ao assédio, bem como promover uma cultura de respeito e acolhimento. Garantir que todos os atletas possam atuar sem receitas é um passo fundamental para a evolução do futsal feminino e para a igualdade de gênero no esporte.

Os resultados apresentados sobre a violência sofrida pelas mulheres jogadoras de futsal são consistentes com a teoria MPS. O fato de que várias mulheres jogadoras de futsal reportaram diversas formas de assédio sofridas no ambiente esportivo evidencia a aplicação prática dessa teoria e a necessidade urgente de intervenções que abordem essas questões para criar ambientes mais seguros e respeitosos para as mulheres no esporte.

Sobre a segurança das mulheres que atuam com homens no futsal (FURLAN; SANTOS, 2008), no Brasil, a situação das mulheres nas relações de gênero é marcada por uma complexa interseção de contradições, ideologias e discriminações sociais que frequentemente as posicionam como o "sexo frágil". Historicamente, as mulheres enfrentaram diversas barreiras que restringiam sua expressão e confinavam suas atividades à esfera doméstica, como o cuidado da casa e dos filhos, e a procriação. Esta visão tradicional, perpetuada por gerações, não permitia que as mulheres expressassem suas insatisfações. Persistem barreiras, preconceitos, discriminação e opressão que limitam a verdadeira liberdade das mulheres. É essencial reverter esse cenário de exclusão, que ainda prevalece na sociedade brasileira, e promover uma maior equidade de gênero.

Insultos, discriminação de gênero e capacitismo são desafios constantes, impactando a autoestima e o desempenho dos atletas. O esporte deveria ser um espaço

de inclusão e respeito, mas ainda há um longo caminho para garantir a igualdade. É fundamental que instituições, torcedores e atletas promovam um ambiente mais justo, combatendo preconceitos e valorizando todas as formas de diversidade no esporte.

São exemplos de como as mulheres são desencorajadas a continuar no esporte, enfrentando uma constante desvalorização baseada em preconceitos de gênero. Esses resultados mostram que as mulheres jogadoras de futsal enfrentam desafios significativos que vão além do desempenho esportivo. O ambiente hostil e discriminatório pode minar a confiança e o progresso delas, reforçando a necessidade de ações eficazes para combater essas formas de abuso e promover um ambiente esportivo inclusivo e respeitoso.

Este estudo revelou os desafios sociais, culturais e institucionais enfrentados pelas mulheres que praticam futsal no Brasil. Os dados mostraram que, embora o futsal feminino tenha ganhado visibilidade e reconhecimento nos últimos anos, as jogadoras ainda lidam com preconceitos enraizados, assédio e desvalorização de suas capacidades esportivas. Além disso, questões como a conciliação da prática esportiva com a maternidade, trabalho e estudos reforçam as dificuldades que muitas mulheres enfrentam para continuar no esporte. A falta de apoio financeiro, a sexualização do corpo feminino e a discriminação de gênero são barreiras que ainda precisam ser superadas para que haja uma participação mais equitativa no esporte.

Os resultados ressaltam a importância de políticas públicas que garantam um ambiente mais seguro e inclusivo para as atletas, além de campanhas que promovam a igualdade de gênero no esporte.

5. Considerações finais

O crescimento do futsal feminino no Brasil é inegável, mas o progresso é desigual e ainda enfrenta resistência em vários setores da sociedade. Este estudo destacou diversas barreiras e desafios enfrentados por mulheres praticantes de futsal, como assédio e importunação sexual, desigualdade e desvalorização no esporte, questões institucionais e sociais à participação no esporte, evidenciando a necessidade de intervenções que não apenas promovam o acesso das mulheres ao esporte, mas também para enfrentem as barreiras sistêmicas que limitam sua participação plena. A criação de políticas públicas que incluam incentivos financeiros, programas de educação sobre igualdade de gênero e proteção contra assédio são essenciais para que o futsal se torne verdadeiramente acessível a todas.

Além disso, é fundamental que os esforços de inclusão sejam contínuos, garantindo que as gerações futuras de atletas encontrem um ambiente esportivo mais justo e acolhedor. A luta pela igualdade no esporte não se limita à conquista de títulos ou visibilidade na mídia, mas também à construção de uma cultura que valorize e respeite as atletas, independentemente de seu gênero.

6. Corpos Fortes, Lares Frágeis: A Violência Invisível na Vida das mulheres praticantes de Futsal

Violência por parceiro íntimo contra mulheres praticantes de Futsal

João Pedro Matté Baldessar¹

Ana Carolina Brandt de Macedo²

Talita Gianello Gnoato Zotz³

Resumo

O futsal feminino tem crescido significativamente, ganhando destaque internacional, mas as jogadoras ainda enfrentam barreiras como violência doméstica e desigualdade de gênero. Este estudo teve como objetivo investigar a ocorrência de abuso por parceiro íntimo e assédio no contexto esportivo em 141 mulheres praticantes de futsal no Brasil em 2024. A análise foi realizada por meio de questionários online, incluindo a Composite Abuse Scale (CAS), instrumento específico para identificar e avaliar abusos por parceiros íntimos, e questionário sobre violência no esporte desenvolvido pelos autores. Os resultados mostraram que 13,5% das atletas foram classificadas como vítimas de abuso por parceiro íntimo ($CAS \geq 7$), 23,4% relataram ter sofrido assédio ou tentativas de assédio durante treinos ou partidas, e 54,6% já vivenciaram preconceito ou desvalorização por serem mulheres no futsal. O teste qui-quadrado (χ^2) revelou associação significativa entre a ocorrência de assédio no ambiente esportivo e violência por parceiro íntimo ($\chi^2 = 10,464$; $p = 0,001$), indicando sobreposição de vulnerabilidades vivenciadas pelas atletas dentro e fora das quadras.

Apesar dos avanços sociais e das políticas públicas voltadas à igualdade de gênero, a violência e o preconceito ainda se apresentam como obstáculos persistentes, dificultando denúncias e refletindo a falta de apoio adequado. Conclui-se que é urgente implementar estratégias de prevenção e proteção, garantindo ambientes esportivos seguros e inclusivos, promovendo igualdade de gênero e permitindo a plena participação das mulheres nas competições esportivas, fortalecendo seu desenvolvimento pessoal e profissional no esporte.

Palavras-chave: Violência; Futebol; Mulher.

Abstract

Women's futsal has grown significantly, gaining international recognition, yet players still face barriers such as domestic violence and gender inequality. This study aimed to investigate the occurrence of intimate partner abuse and harassment in the sports context among 141 female futsal players in Brazil in 2024. The analysis was conducted using online questionnaires, including the Composite Abuse Scale (CAS), a specific instrument for identifying and assessing intimate partner abuse, and a sports violence questionnaire developed by the authors. Results showed that 13.5% of the athletes were classified as victims of intimate partner abuse ($CAS \geq 7$), 23.4% reported experiencing harassment or attempted harassment during training or matches, and 54.6% had encountered prejudice or devaluation for being women in futsal. The chi-square test (χ^2) revealed a significant association between the occurrence of harassment in the sports environment and intimate partner violence ($\chi^2 = 10.464$; $p = 0.001$), indicating overlapping vulnerabilities experienced by athletes both on and off the court. Despite social advances and public policies aimed at gender equality, violence and prejudice remain persistent obstacles, hindering reporting and reflecting a lack of adequate support. It is concluded that there is an urgent need to implement prevention and protection strategies, ensuring safe and inclusive sports environments, promoting gender equality, and enabling women's full participation in competitive sports, thereby strengthening their personal and professional development in the sport.

Keywords: Violence; Soccer; Women.

Introdução

A Violência por Parceiro Íntimo (VPI) é caracterizada por comportamentos dentro de uma relação íntima que resultam em danos físicos, sexuais ou psicológicos, incluindo agressões, coerção sexual, abuso emocional e intimidação. Devido à natureza dessa violência, especialmente da violência sexual, sua ocorrência e seus impactos são frequentes. A violência contra a mulher afeta todas as classes e segmentos sociais, sendo o ambiente doméstico o cenário mais comum para essas agressões. No Brasil, em 2011, 70% dos atendimentos a mulheres vítimas de violência ocorreram dentro de suas próprias casas (Rosa *et al.*, 2018).

A violência contra a mulher, especialmente quando perpetrada por um parceiro íntimo, é uma das manifestações mais graves da desigualdade de gênero. De acordo com dados do DataSenado (2019), 27% das mulheres relataram ter sido vítimas de violência doméstica por um homem, sendo que 78% desses agressores eram parceiros ou ex-parceiros. No entanto, a pesquisa revela que, ao apresentar diferentes formas de violência às mulheres e questioná-las sobre suas experiências, esse percentual sobe de 27% para 36%, evidenciando a dificuldade de muitas mulheres em reconhecer e classificar como violência os abusos ocorridos em seus relacionamentos. Apenas 32% das mulheres que sofreram esse tipo de agressão chegaram a registrar uma denúncia. Quando se trata de violência psicológica, sexual ou moral, torna-se ainda mais desafiador estimar a quantidade de mulheres afetadas, já que muitas delas têm dificuldade em identificar e nomear as agressões que vivenciam (Queiroz; Cunha, 2018).

Futsal, uma modalidade que apresenta diversas semelhanças com o futebol, é praticado globalmente por indivíduos de ambos os sexos, em ligas tanto profissionais quanto amadoras. Este esporte tem registrado um crescimento substancial em sua base

de praticantes e tem alcançado notoriedade internacional. Em particular, o futsal feminino tem conquistado crescente destaque em todas as confederações esportivas globais e na mídia televisiva. Em decorrência dessa popularização, a primeira competição mundial foi realizada em 2010, e atualmente existem diversas ligas profissionais de elevado nível competitivo. (Tavares, 2024).

Ao longo da história, a inserção das mulheres no esporte no Brasil enfrentou obstáculos significativos, particularmente no que se refere à inclusão de atletas do sexo feminino. Isso pode ser evidenciado por diversas questões sociais e restrições legais que impactaram negativamente as mulheres interessadas em praticar esportes, como o futebol e, mais especificamente, o futsal. A oficialização da prática do futsal feminino ocorreu apenas em 1983, quando o extinto Conselho Nacional de Desportos (CND) regulamentou a modalidade. Simultaneamente, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) também reconheceu e autorizou a prática do futsal feminino. O desenvolvimento dessa vertente do esporte foi, em parte, impulsionado pela necessidade política de promover a igualdade de gênero no esporte, com vistas ao reconhecimento do Comitê Olímpico Internacional (COI). (Tamashiro; Galatti, 2018).

Fica evidente que o futebol feminino ainda enfrenta diversas formas de preconceito. Tais desafios se manifestam, entre outros aspectos, pela segregação e exclusão das mulheres em esportes tradicionalmente considerados masculinos, além de limitações impostas à escolha das modalidades esportivas. Outros obstáculos incluem a sexualização do corpo feminino e o questionamento da identidade de gênero das atletas. Essas atitudes discriminatórias possuem raízes socioculturais profundas, fundamentadas no mito da fragilidade feminina e em crenças arcaicas sobre a suposta incapacidade atlética das mulheres. Um dos argumentos frequentemente utilizados para desestimular a participação feminina no futebol é a ênfase no controle biológico da aparência corporal feminina (Matté Baldessar; Brandt De Macedo; Zotz, 2023).

Em 2013, o governo brasileiro destacou a relevância das ações e estratégias voltadas para a inclusão das mulheres no esporte ao dedicar um capítulo do III Plano Nacional de Políticas para as Mulheres a esse tema. Embora políticas públicas tenham sido implementadas para melhorar as condições da prática esportiva feminina, elas ainda são insuficientes. Por isso, é crucial que a ciência reconheça os preconceitos e abusos enfrentados por jogadoras de futsal, já que a sociedade impõe desafios significativos à prática esportiva feminina. Com base nessas informações, é possível fornecer subsídios e apoio a gestores na criação de políticas públicas que garantam um ambiente sem obstáculos, favorecendo a participação feminina em eventos esportivos e contribuindo para a redução das barreiras que as mulheres enfrentam ao praticar futsal (Brasil, 2013).

Com base neste contexto, o objetivo deste artigo é investigar a violência por parceiro íntimo contra mulheres praticantes de futsal, analisando suas manifestações, impactos e as barreiras enfrentadas pelas vítimas para denunciar e superar essa violência no contexto esportivo.

Material e Métodos

Trata-se de um estudo analítico observacional transversal. Foram recrutadas para a pesquisa mulheres que praticam futsal, amadoras ou profissionais, com idade acima de 18 em todo o território brasileiro no ano de 2024. A pesquisa foi realizada através de questionário on-line, a disponibilização dos questionários foi realizada por mídia social, previamente aprovada pelo comitê de ética em pesquisas do setor de ciências humanas (CEP 75715923.6.0000.0214). Foram excluídos da pesquisa os questionários com o seu preenchimento incompleto e atletas menores de idade. Questionário foi composto de questões semiestruturadas pelos autores e também pela aplicação do escala *Composite abuse scale*.

Foi utilizado o questionário semiestruturado para praticantes de futsal, desenvolvido pelos pesquisadores composto por 45 questões, contemplando aspectos sociais, participação em competições de futsal, preconceitos ou desmerecimento relacionados ao pré e pós jogo, sobre praticar ou não o futsal, se existe segurança com o tratamento no departamento médico, percepção sobre segurança pública com o trajeto feito até o jogo, ocorrência de situações de vulnerabilidade durante a prática do futsal, como violência física e sexual, aspectos relacionados à saúde e questões sobre prevalência de lesões e sobre nas atletas pela prática esportiva, foi captada para este estudo informações sobre a percepção das mulheres a respeito da desigualdade no futsal.

A escala usada foi *Composite abuse scale*: tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro. O "*Composite Abuse Scale*" (CAS), um instrumento, foi desenvolvido na Austrália em resposta à identificação, pela pesquisadora Dra. Kelsey Hegarty, da carência de instrumentos criteriosos e sensíveis para a identificação abrangente de diversos tipos de violência por parceiros íntimos (VPI) e, mais especificamente, para avaliar a frequência dessa violência. Assim, ela concebeu o CAS, um instrumento composto por quatro dimensões: Abuso combinado severo, Abuso físico, Abuso emocional e Assédio. Este instrumento é aplicável a mulheres a partir dos 16 anos, independentemente de estarem grávidas ou não, e permite avaliar um período de

até 12 meses (Signorelli, 2019).

Os dados coletados foram tratados de forma quantitativa, utilizando-se estatísticas descritivas para identificar a frequência e a prevalência das diferentes formas de abuso de parceiro íntimo relatadas pelas participantes. As variáveis categóricas, que abrangiam desde "nunca" (0) até "diariamente" (5), foram tabuladas, permitindo a identificação de padrões de ocorrência.

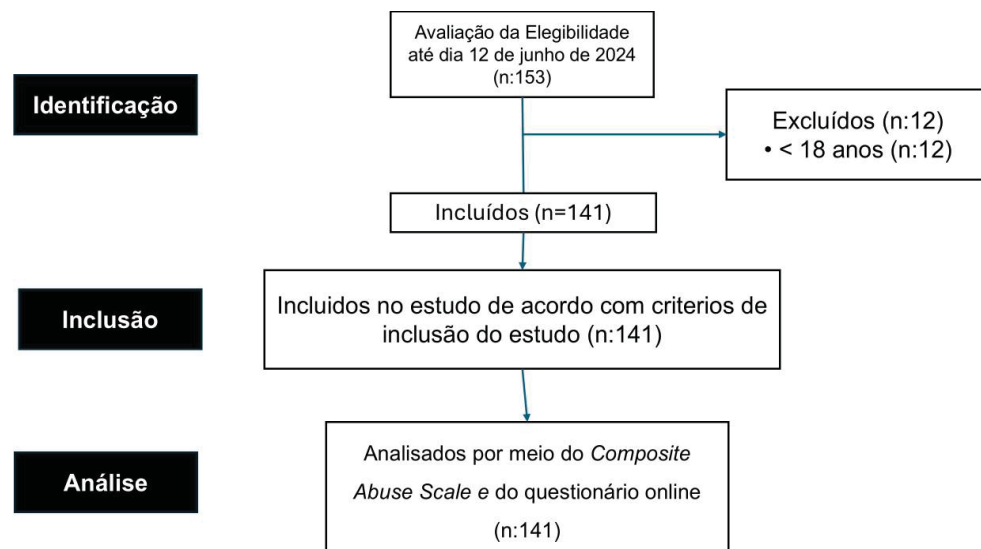
Para garantir a integridade dos resultados, foi realizada uma etapa de verificação e limpeza dos dados, removendo inconsistências e verificando duplicidades.

A análise foi conduzida utilizando Excel e os resultados foram apresentados por meio de tabelas que demonstram o número absoluto de participantes (n) e suas respectivas porcentagens (%). Isso possibilitou uma visão clara da distribuição dos dados, destacando tanto a ausência quanto a presença de diferentes tipos de abuso, com foco especial naquelas participantes que relataram vivências de violência e o teste de Qui-quadrado de Pearson evidenciou associação estatisticamente significativa entre ter sofrido assédio no contexto esportivo e a ocorrência de abuso por parceiro íntimo ($\chi^2 = 10,464$; $df = 1$; $p = 0,001$).

Os dados foram tratados com rigor ético, assegurando o anonimato e a confidencialidade das respostas das participantes, conforme os princípios das normas éticas para pesquisa com seres humanos.

Resultados

Responderam ao questionário 153 mulheres jogadoras de futsal, considerando os critérios de inclusão e exclusão, participaram do estudo 141 mulheres jogadoras de futsal, maiores de 18 anos (Figura 1)



Fonte: Os autores (2025).

A violência nas relações íntimas tem se mostrado um importante problema de saúde pública, com implicações físicas, emocionais e sociais para as vítimas. Nesse contexto, a *Composite abuse scale* surge como um instrumento específico para avaliar e mensurar a ocorrência de diferentes formas de abuso em relacionamentos afetivo-sexuais. A escala busca identificar situações de violência psicológica, física e sexual, contribuindo para o reconhecimento e enfrentamento dessas preocupações, além de subsidiar intervenções clínicas, sociais e jurídicas. Das 141 mulheres atletas de futsal participantes, algumas optaram por não responder ao *Composite Abuse Scale*, uma vez que o preenchimento dessas questões não era obrigatório. Por se tratar de um tema íntimo e sensível, compreendeu-se que a exposição a essas perguntas poderia causar desconforto ou constrangimento, sendo respeitado o direito à privacidade das atletas. A CAS mede quatro dimensões do abuso: Abuso Severo Combinado (SCA) – 8 itens (pontuação 0–40), abuso físico – 7 itens (pontuação 0–35), abuso Emocional – 11 itens (pontuação 0–55), assédio – 4 itens (pontuação 0–20). Para identificar se houve abuso, compara-se o resultado com os cut-offs sugeridos: Abuso Severo Combinado (SCA): 1. abuso físico: 1, abuso emocional: 3, assédio: 2. Total: 3 (ou 7 se quiser reduzir falsos positivos).

A análise revelou associação significativa entre a experiência de assédio durante partidas de futsal e o histórico de abuso por parceiro íntimo, avaliado pela escala CAS (Conflict Tactics Scale). Considerou-se como critério de abuso a classificação acima de

7 pontos na CAS, o que identificou que 13,5% das atletas sofreram violência por parceiro íntimo. Entre as mulheres que relataram assédio, observou-se maior prevalência de abuso, indicando correlação entre os dois contextos de violência ($\chi^2 = 54,701$; gl = 36; p = 0,024). Esses achados evidenciam a sobreposição de vulnerabilidades vivenciadas por mulheres no esporte e em seus relacionamentos íntimos, ressaltando a importância de políticas de proteção e suporte às atletas.

A desigualdade de gênero na prática esportiva ainda é uma realidade preocupante. Na tabela 1, 132 mulheres atletas das 141 entrevistadas (93,6%) apontaram a existência de disparidades entre homens e mulheres no esporte, enquanto apenas 9 acreditaram que não há desigualdade.

A tabela 1 também revela que 77 atletas (54,6%) já enfrentaram preconceito ou desvalorização por serem mulheres praticando futsal, evidenciando a persistência de comportamentos discriminatórios que prejudicam o pleno desenvolvimento de suas carreiras esportivas.

Tabela 1. – Percepção das mulheres a respeito da desigualdade no futsal.

Existe desigualdade entre homens e mulheres na prática esportiva?	(n)	%
	132	
Sim	93,6	
Não	9	6,4
Você já sofreu algum preconceito ou desmerecimento por ser mulher, atleta de futsal?		
	(n)	%
	77	
Sim	54,6	
	64	
Não	45,4	

Fonte: Os autores (2025).

A Tabela 2 apresenta a associação entre a ocorrência de assédio durante partidas de futsal e experiências de abuso por parceiros íntimos, avaliada pela escala CAS (Composite abuse scale). Observa-se que 40,6% das atletas relataram ter sofrido algum tipo de assédio, enquanto 59,4% não relataram essa experiência. Considerando o ponto

de corte ≥ 7 na escala CAS, 13,5% das atletas foram classificadas como vítimas de abuso por parceiro íntimo.

O teste de Qui-quadrado de Pearson evidenciou associação estatisticamente significativa entre ter sofrido assédio no contexto esportivo e a ocorrência de abuso por parceiro íntimo ($\chi^2 = 10,464$; $df = 1$; $p = 0,001$). De forma semelhante, observou-se associação significativa entre relatos de assédio durante treinos ou partidas de futsal e abuso ($\chi^2 = 54,701$; $df = 36$; $p = 0,024$). Esses resultados indicam que 30,3% das atletas que sofreram assédio apresentaram abuso por parceiro íntimo, em contraste com apenas 8,3% daquelas que não relataram assédio, evidenciando uma vulnerabilidade inter-relacionada entre o ambiente esportivo e o contexto doméstico.

Esses achados reforçam a necessidade de estratégias de prevenção e de apoio às atletas que enfrentam múltiplas formas de violência, demonstrando que experiências de assédio no esporte podem estar associadas à maior probabilidade de vivenciar abuso no âmbito íntimo.

Tabela 2- Associação entre a percepção de assédio no futsal e a ocorrência de violência por parceiro íntimo.

			Abuso (CAS) n(%)	Não Abuso (CAS) n(%)	p
Sofreu	algum	Sim	13 (40,6)	19(59,4)	0,024
tipo de assédio					
durante	a	Não	6 (5,5)	103 ((94,5)	
prática	do				
futsal					
Sofreu	algum	Sim	10 (30,3)	23 (69,7)	0,001
assédio					
durante	treinos	Não	9 (8,3)	99 (91,7)	
ou partidas de					
futsal					

$p < 0,05$ (Teste Qui-Quadrado)

Discussão

O futsal tem mostrado um ambiente que oferece para as mulheres não apenas oportunidades de prática esportiva, mas também um espaço onde a maioria das jogadoras não relata vivências de violência ou assédio por parceiro íntimo. Esse dado levanta uma reflexão importante: o esporte pode atuar como um fator de proteção contra essas situações?

Embora existam relatos pontuais dentro do grupo pesquisado, a ausência massiva desses registros sugere que a prática esportiva pode contribuir para um ambiente mais seguro e de maior respeito entre os participantes. No entanto, é fundamental aprofundar esta discussão, entendendo em que contextos o futsal fortalecem essa proteção e onde ainda há desafios a serem superados.

Apesar da maioria das participantes ter relatado não vivenciar abusos por parceiro íntimo, os dados indicaram que uma parcela importante sofreu situações de violência, com destaque para os abusos emocionais, como críticas à autoestima e humilhações, além de agressões físicas e tentativas de controle social e profissional. Os resultados sugerem que, embora a prevalência de abusos físicos e sexuais seja relativamente baixa, a violência emocional, muitas vezes invisível e negligenciada, está presente em diversas formas, afetando negativamente a saúde mental e o bem-estar das mulheres praticantes de futsal. Situações de controle, perseguição e isolamento social também foram observadas, o que aponta para a necessidade de uma abordagem mais ampla na prevenção e no enfrentamento da violência de parceiro íntimo, que vá além das agressões físicas.

Na Tabela 2, observa-se que 40,6% das mulheres que relataram situações de abuso, segundo o instrumento CAS, também afirmaram ter sofrido algum tipo de assédio durante a prática do futsal, em contraste com apenas 5,5% das que não relataram abuso ($p=0,024$). Situação semelhante se repete quanto ao assédio em treinos ou partidas, em que 30,3% das mulheres em situação de abuso relataram a ocorrência, contra 8,3% das demais ($p=0,001$). Esses achados sugerem uma associação significativa entre o histórico de violência/abuso e a percepção de assédio no ambiente esportivo.

Contudo, o número reduzido de relatos de assédio indica que muitas situações podem não ser reconhecidas ou nomeadas como violência pelas próprias atletas. Essa interpretação encontra respaldo no estudo de Fidélis (2016), que evidencia que mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo, frequentemente, não percebem os comportamentos abusivos sofridos como violência, naturalizando-os ou atribuindo-os a características do parceiro. Assim, é plausível supor que, também no contexto esportivo, mecanismos semelhantes de silenciamento e não reconhecimento contribuam para a subnotificação de assédio e violência.

Os dados indicam que apenas 40,6% das mulheres que relataram abuso reconheceram ter sofrido assédio durante a prática do futsal, e 30,3% relataram assédio em treinos ou partidas. Esses resultados refletem uma baixa percepção de violência, semelhante ao observado por Dardis *et al.* (2016), em que muitas jovens não identificam comportamentos abusivos, sobretudo psicológicos ou verbais, como violência em relacionamentos. Tal achado sugere que, assim como no contexto do namoro, a naturalização ou não reconhecimento de condutas abusivas no ambiente esportivo contribui para a subnotificação de casos de assédio, reforçando a necessidade de estratégias educativas e de conscientização entre atletas.

Os resultados evidenciam que mais de um quinto das participantes vivenciaram experiências de assédio no contexto esportivo, com quase 15% em situações consideradas graves. Esses dados revelam a relevância de compreender o assédio não como episódios isolados, mas como parte de uma dinâmica estrutural marcada por relações de poder e desigualdades de gênero. Pesquisas anteriores já apontaram que ambientes esportivos podem reproduzir práticas de violência simbólica, psicológica e até física, frequentemente naturalizadas no cotidiano das atletas (Bonfim, 2019; Hartill; Lang, 2018).

A presença de casos classificados como graves merece especial atenção, uma vez que indica potenciais impactos na saúde física e mental das atletas, afetando sua permanência e desempenho no esporte. Além disso, estudos ressaltam que mulheres atletas estão mais expostas a situações de assédio e abuso em razão da persistente hierarquia de gênero que atravessa o campo esportivo (Silveira, 2021; Pinto; Gomes, 2022).

Conforme aponta (Matos, 2020) a relação entre esporte, violência e gênero é complexa e interconectada. As emoções despertadas no esporte se manifestam em práticas sociais que influenciam diretamente a construção de gênero dos participantes. Esses fatores, responsáveis por prejuízos psicológicos às mulheres atletas, evidenciam que, apesar dos avanços da sociedade, as relações de gênero ainda permanecem

enraizadas em padrões tradicionais. Valores antigos continuam sendo reproduzidos, apenas com uma nova aparência. A inserção da mulher no esporte pode ser vista como uma dessas novas formas de perpetuação dessas dinâmicas.

Nossos resultados evidenciam que ainda há pressões psicológicas em atletas, tanto em ambiente esportivo, que também é evidenciado por de Matos (2020), como em casa com seus parceiros.

Este estudo demonstra que há desigualdade na prática do esporte e de acordo com Broch (2021) há desigualdade e que o apoio social relacionados ao futebol feminino é consideravelmente inferior ao destinado ao futebol masculino, sendo, em algumas circunstâncias, praticamente inexistente. As jogadoras não são as únicas a enfrentarem a violência decorrente do machismo; outras profissionais que atuam no cenário futebolístico, como árbitras, dirigentes, jornalistas esportivas e demais mulheres que se envolvem em uma atividade historicamente dominada por homens, também são alvos de desvalorização e agressões, tanto de forma direta quanto indireta. Essa hostilidade se estende, inclusive, às torcedoras.

Ainda, na percepção das atletas, é possível identificar uma disputa entre os gêneros, na qual o futsal feminino não possui o mesmo nível de relevância que o futsal masculino. Contudo, observa-se uma tímida evolução na presença feminina nesta modalidade. Gradualmente, as mulheres têm conquistado espaços sociais, rompendo paradigmas em um campo historicamente dominado por homens (Fortaleza; Silva, 2023). Por outro lado, nos relatos das atletas, é possível perceber a satisfação do grupo com a prática esportiva, apesar das adversidades. Elas persistem em suas paixões e crenças, cientes de que ainda são necessárias mudanças para alcançar a igualdade de gênero. Para tanto, é fundamental continuar a luta e reconhecer que as mulheres têm o direito de ocupar novas representações e espaços na sociedade.

A presente pesquisa investigou as desigualdades de gênero presentes na prática do futsal feminino, destacando as dificuldades enfrentadas pelas atletas nesse contexto. O estudo revelou aspectos preocupantes, como a persistência de disparidades significativas entre os gêneros no esporte, além de comportamentos discriminatórios que impactam negativamente o desenvolvimento das carreiras das mulheres, corroborando com as teorias de Brochi (2021) e Fortaleza; Silva (2023).

Schwartz (2021) reafirma a conexão entre esporte, masculinidades e violência contra mulheres, destacando a teoria do suporte entre pares masculinos (MPS). Segundo o autor, essa teoria explica como o apoio e as mensagens transmitidas entre pares masculinos que reforçam a dominação sobre as mulheres estão associados a diversos tipos de violência, incluindo agressão sexual, violência física e assédio. Recentemente,

essa teoria foi reconhecida como uma das mais influentes na análise da masculinidade e violência, conforme apontam Morris e Ratajczak (2019). Suas atualizações incorporam novas descobertas sobre o papel do suporte entre pares, tanto de homens quanto de mulheres.

Os resultados apresentados neste estudo estão alinhados com a teoria MPS, sugerindo que o apoio e as mensagens masculinas que perpetuam a dominação sobre as mulheres contribuem para comportamentos abusivos e prejudiciais. O fato de muitas atletas enfrentarem diferentes formas de assédio no ambiente esportivo e compara-se com o assédio, agressão sexual e violência sofrida pelo seu parceiro íntimo, assim, reforça a relevância dessa teoria e a necessidade urgente de intervenções eficazes para promover ambientes mais seguros e respeitosos para as mulheres no esporte e no lar.

A literatura demonstra que as experiências de assédio sexual impactam o dia a dia dos praticantes de musculação, resultando em desmotivação para frequentar a academia, afastamento da prática regular de exercícios físicos devido à sensação de vulnerabilidade e a adoção de estratégias de distanciamento do público masculino como forma de proteção (Pinheiro; Caminha, 2021).

No presente estudo verificou-se que os resultados deste estudo demonstram que a maioria das mulheres praticantes de futsal não sofre abuso por parceiro íntimo e não relata assédio no ambiente esportivo embora percebam o desmerecimento da prática do futsal por serem mulheres.

O presente estudo é relevante por evidenciar a persistência da desigualdade de gênero e do preconceito no futsal feminino, demonstrando que 93,6% das atletas percebem disparidades entre homens e mulheres, e 54,6% relatam já ter sofrido preconceito ou desvalorização por serem mulheres. Além disso, a associação significativa entre assédio no contexto esportivo e abuso por parceiro íntimo ($\chi^2 = 10,464$; $p = 0,001$ e $\chi^2 = 54,701$; $p = 0,024$) reforça a necessidade de intervenções integradas que considerem a vulnerabilidade inter-relacionada das atletas em diferentes ambientes.

O estudo contribui para a compreensão de que experiências de assédio no esporte não ocorrem de forma isolada, mas podem refletir ou intensificar situações de violência vivenciadas no âmbito doméstico. Entretanto, algumas limitações devem ser consideradas: o tamanho da amostra ($n=141$) e o caráter transversal da pesquisa impedem estabelecer causalidade entre as variáveis; a coleta de dados baseada em autorrelato pode estar sujeita a vieses de memória ou subnotificação; e o estudo foi realizado em uma modalidade específica (futsal), o que limita a generalização dos achados para outros contextos esportivos. Apesar dessas limitações, os resultados

indicam caminhos importantes para políticas de prevenção, promoção da equidade de gênero e apoio às atletas.

Considerações Finais

O estudo evidenciou que, embora a maioria das atletas de futsal não reporte assédio no ambiente esportivo nem abuso por parceiro íntimo, uma parcela significativa vivencia essas situações. Observou-se uma associação entre assédio no esporte e violência em relacionamentos íntimos, evidenciando a sobreposição de vulnerabilidades que afetam as jogadoras tanto dentro quanto fora das quadras. Além disso, a pesquisa destacou a persistência da desigualdade de gênero no futsal, manifestada em preconceito, desvalorização e disparidades estruturais em relação ao futebol masculino.

Os percentuais encontrados indicam que a violência e o abuso no esporte não constituem episódios isolados, mas fenômenos estruturais e recorrentes, com impacto direto na saúde, no desempenho e na permanência das atletas na modalidade. Diante disso, torna-se fundamental o fortalecimento de políticas de prevenção, acolhimento e responsabilização, bem como a construção de ambientes esportivos mais seguros, inclusivos e equitativos.

Em síntese, a violência por parceiro íntimo, especialmente em suas formas sutis e emocionais representa um problema significativo para muitas mulheres, inclusive aquelas inseridas no contexto esportivo. Enfrentar essa realidade exige uma ação integrada entre a sociedade, profissionais de saúde e instituições esportivas, visando garantir um ambiente mais seguro, respeitoso, acolhedor e igualitário para todas as mulheres.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

A articulação entre os estudos O Futsal é para todas: Ocorrência de assédio sofrido por mulheres no esporte E Corpos Fortes, Lares Frágeis: A Violência Invisível na Vida das Atletas. evidencia que as mulheres atletas de futsal enfrentam uma realidade permeada por violências múltiplas e naturalizadas, tanto nos ambientes esportivos quanto em suas relações pessoais, sendo o assédio, o preconceito e a desigualdade de gênero manifestações de uma estrutura social que ainda relega as mulheres à subordinação e à invisibilidade. O preconceito de gênero limita o acesso das atletas ao esporte, compromete a qualidade do treinamento, restringe recursos disponíveis e impacta diretamente seu desempenho, gerando resistência precoce e

perpetuando uma cultura de exclusão. Embora o futsal feminino no Brasil apresente crescimento, este ocorre de maneira desigual, enfrentando barreiras institucionais, culturais e sociais. Promover a equidade na modalidade exige ações concretas e intersetoriais, como a formação ética de treinadores, mecanismos institucionais de denúncia e acolhimento, políticas públicas de incentivo financeiro, programas educativos sobre igualdade de gênero e medidas efetivas de combate ao assédio. Ao reconhecer e valorizar as vozes e experiências das atletas, fortalece-se não apenas sua presença e desenvolvimento no esporte, mas também a construção de uma cultura esportiva mais justa, inclusiva e equitativa, beneficiando toda a sociedade ao consolidar valores essenciais como respeito, inclusão e equidade.

REFERÊNCIAS

BELLOLI, M. G.; ALVES DOS SANTOS, V. K.; CANDIDO DE BORTOLI, C. D. F. *Estudo retrospectivo do perfil dos casos de violência contra a mulher*. *Journal of Nursing and Health*, [s. l.], v. 14, n. 2, p. e1426804, 2024.

BONFIM, A. *Futebol feminino entre festas, campos e espaços de luta*. Rio de Janeiro: Editora Ludopédio, 2019.

BONFIM, A. F. *Futebol feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*. São Paulo: Aira Bonfim, 2023.

BRACHT, V.; GOMES, I.; ALMEIDA, F. Q. *Por uma sociologia (ainda) crítica do esporte nas Américas: o papel dos intelectuais e das associações científicas*. *Movimento*, [s. l.], p. 31–42, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília, 2013.

BRASIL. Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. Governo Federal. *Denúncias de violência sexual são maioria contra crianças e adolescentes*. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/denuncias-deviolenciassexual-sao-maioria-contracriancas-e-adolescentes>. Acesso em: 1 out. 2025.

BROCH, M. *Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero*. *Temporalidades*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 695–705, 2021.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOZO, P. L. *Efeitos da ameaça do estereótipo de gênero na aprendizagem de habilidades motoras*. 2018.

CLARK, D. Boys will be boys: assessing attitudes of athletic officials on sexism and violence against women. *The International Journal of Sport and Society*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 31–50, 2017.

DARDIS, C. M. *et al.* Perceptions of dating violence and associated correlates. 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260515597439>. Acesso em: 1 out. 2025.

DIAS, C. C.; SARAIVA, G. *Violência sexual contra as mulheres nas relações trabalhistas desportivas*, 2022.

FIDÉLIS, E. de M. *Percepção das mulheres vítima de violência em relação ao parceiro íntimo a partir de uma pesquisa bibliográfica*. 2016. Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/53863>. Acesso em: 1 out. 2025.

FORSDIKE, K.; DONALDSON, A.; SEAL, E. Responding to violence against women in sport: challenges facing sport organizations in Victoria, Australia. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, [s. l.], v. 93, n. 2, p. 352–367, 2022.

FORTALEZA, M. A.; SILVA, M. F. Percepções de atletas acerca da desigualdade de gênero no futsal. *Research, Society and Development*, [s. l.], v. 12, n. 5, p. e15412541596, 2023.

GLOBO ESPORTE. Por Carina Ávila — Brasília, DF, 27 mar. 2021. Em 1966, *Lúcia Macedo organizou a primeira partida de futsal feminino de Palmares (PE)*. Disponível em: <https://ge.globo.com/df/futebol/noticia/em-1966-lucia-macedo-organizou-a-primeira-partida-de-futsal-feminino-de-palmares-pe.ghtml>. Acesso em: 1 out. 2025.

GLOBO ESPORTE. Por Camila Alves — São Paulo, 19 mar. 2024. “*Meu técnico tentou me beijar*”: levantamento inédito revela casos de assédio no futebol feminino. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2024/03/19/meu-tecnico-tentou-me-beijar-levantamento-inedito-revela-casos-de-assedio-no-futebol-feminino.ghtml>. Acesso em: 1 out. 2025.

GOELLNER, S. V. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a Prática*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 85–100, 2005a.

GOELLNER, S. V. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005b.

GOMES, L. D. C.; MARCHI JÚNIOR, W. Os primórdios do futebol feminino no Brasil: uma agenda das causas feministas. *Revista Estudos Feministas*, [s. l.], v. 32, n. 2, p. e98930, 2024.

HARTILL, M.; LANG, M. (orgs.). *Safeguarding, child protection and abuse in sport: international perspectives in research, policy and practice*. London: Routledge, 2018.

KESSLER, C. S. “*Entra aí pra completá*”: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS. [s. l.], 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6197>. Acesso em: 7 jun. 2024.

LE MONDE. Por Noé Hochet-Bodin – França. Publié le 05 septembre 2024 à 12h33, modifié le 31 janvier 2025 à 11h32. *Au Kenya, la mort de la marathonnienne Rebecca Cheptegei ravive le débat sur les violences conjugales*. Disponível em: https://www.lemonde.fr/afrique/article/2024/09/05/au-kenya-la-mort-de-la-marathonnienne-rebecca-cheptegei-ravive-le-debat-sur-les-violences-conjugales_6304796_3212.html. Acesso em: 1 out. 2025.

MATTÉ BALDESSAR, J. P.; BRANDT DE MACEDO, A. C.; GIANELLO GNOATO ZOTZ, T. *Fatores ambientais e barreiras relacionadas à prática de futsal por mulheres: revisão integrativa. Divers@!*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 352, 2023.

MATOS, M. C. de; CLERC, T. B. X. *As violências ocultas dentro do universo esportivo feminino: uma abordagem dentro do handebol. Revista As Violências Ocultas no Esporte*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 0–0, 2020.

MOURÃO, D. L. *As narrativas sobre o futebol feminino*. [s. l.], v. 26, n. 2, 2005.

NOVAIS, M. C. B. et al. *Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva*. Movimento, [s. l.], v. 27, p. e27023, 2022.

ONU MULHERES; SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES – SPM. *Pacto Nacional de Prevenção ao Feminicídio*. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2024/dezembro/PactoNacionaldePrevenaoaosFeminicidios_MMulheres_ONUMulheres.pdf. Acesso em: 1 out. 2025.

ORAM, S.; KHALIFEH, H.; HOWARD, L. M. *Violence against women and mental health*. *The Lancet Psychiatry*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 159–170, 2017.

PIMENTEL, W. M. A. “Joga a bola no meu pé”: percepções de atletas universitárias sobre as questões de gênero no futsal feminino. [s. l.], 2024. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/6623>. Acesso em: 7 jun. 2024.

PINHEIRO, M. R. D.; CAMINHA, I. de O. *Assédio sexual em mulheres praticantes de musculação: impactos no seu cotidiano*. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, [s. l.], v. 25, p. e200819, 2021.

PINTO, L.; GOMES, R. *Violência de gênero no esporte: uma revisão de literatura*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 44, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.2022.44.e012222>.

QUEIROZ, R. A. de; CUNHA, T. A. R. *A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória*. *Revista NUPEM*, [s. l.], v. 10, n. 20, p. 86–95, 2018.

RODRIGUES, C. *Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida*. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), [s. l.], n. 10, p. 140–164, 2012.

ROSA, D. O. A. et al. *Violência provocada pelo parceiro íntimo entre usuárias da Atenção Primária à Saúde: prevalência e fatores associados*. *Saúde em Debate*, [s. l.], v. 42, n. spe4, p. 67–80, 2018.

SIGNORELLI, D. M. C. *Composite Abuse Scale: tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro*. [s. l.], 2019.

SIGNORELLI, M. C. *Mudaram as estações... nada mudou: profissionais do Sistema Único de Saúde e mulheres vítimas de violência doméstica no litoral paranaense*. 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, D. S.; BORGES, C. N. F.; AMARAL, S. C. F. *Gestão das políticas públicas do Ministério do Esporte do Brasil*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, [s. l.], v. 29, p. 65–79, 2015.

SILVA, A. L. dos S.; NAZÁRIO, P. A. *Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte*. *Revista Estudos Feministas*, [s. l.], v. 26, p. e40862, 2018.

SILVEIRA, R. da. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVEIRA, R. da. *Gênero e esporte: tensões e desafios no campo esportivo*. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 1–14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106013>.

TAMASHIRO, L. I.; GALATTI, L. R. *Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão bibliográfica*. *RBFF – Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, [s. l.], v. 10, n. 41, p. 795–799, 2018.

TAVARES, B. *A incidência de lesões desportivas nas atletas de futsal feminino em Portugal: um estudo exploratório*. *Revista da UI_IPSantarém*, [s. l.], v. 12, n. 1, p. e33371, 2024.

VIDAL, R. G.; CEZNE, A. F. *A participação de mulheres como técnicas em equipes de futsal no Paraná*. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, [s. l.], v. 7, n. 14, p. e14901, 2024.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: FATORES AMBIENTAIS E BARREIRAS RELACIONADAS PARA A PRÁTICA DE FUTSAL FEMININO NO BRASIL

Pesquisadora responsável: Talita Gianello Gnoato Zotz

Pesquisador assistente: João Pedro Matté Baldessar

Pesquisadora assistente: Ana Carolina Brandt de Macedo

Local da Pesquisa: Online

Endereço: Território Brasileiro

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para tirar suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou depois de assiná-lo, você poderá buscar orientação junto a equipe de pesquisadores. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada: FATORES AMBIENTAIS E BARREIRAS RELACIONADAS PARA A PRÁTICA DE FUTSAL FEMININO NO BRASIL, tem como objetivo analisar barreiras e preconceitos que a mulher sofre no futsal, verificar fatores ambientais e a pratica do futsal, a pesquisa terá duração de 12 meses.

Participando do estudo você está sendo convidado/a a: descrever os procedimentos de pesquisa para o participante que está assinando o TCLE, informando:

- i) frequência, duração, necessidades de deslocamento e outras informações relevantes;
- ii) forma de coleta de dados, com indicação de instrumento ou método de coleta para os quais o participante está sendo convidado a participar;
- iii) estimativa do tempo necessário para participação no estudo

Desconfortos e riscos:

i) Desconfortos e riscos: Com relação ao questionário *on-line*, pode ocorrer algum aborrecimento ao responder alguma questão. Neste caso, o risco será minimizado por meio de orientação prévia de que não será necessário responder às questões que eventualmente puderem causar algum desconforto, para tanto, a participante poderá deixar tais questões sem resposta e seguir adiante ou apenas interromper a participação deixando de responder ao questionário, ou no caso de já tê-lo enviado, terá a liberdade de solicitar a retirada de sua participação da pesquisa, contatando um dos membros da equipe, sem precisar justificar sua decisão e sem que isso acarrete qualquer penalidade.

Além disso, as informações referentes aos preconceitos e abusos sofridos no futsal são fatores que fornecerá informações importantes que contribuirão para embasar a criação de políticas públicas para o esporte feminino e para aperfeiçoar o trabalho de profissionais da área.

Além disso, as informações referentes aos preconceitos e abusos sofridos no futsal são fatores que fornecerá informações importantes que contribuirão para embasar a criação de políticas públicas para o esporte feminino e para aperfeiçoar o trabalho de profissionais da área.

;

ii) Providências e cautelas: perguntas claras e formais, não será necessário deixar o nome caso não se sinta confortável, a atleta pode deixar em branco caso não se sinta apta para responder, podendo deixar o questionário em branco.

Benefícios: Mostrar e romper barreiras e abusos que a mulher sofre em um âmbito esportivo que é voltado para homens, apresentado as qualidades e colocando a mulher aonde ela deseja estar sem sentir opressão ou pré conceito sobre certas atividades.

Observação: Segundo a Resolução 466/12 do CNS e 510, **toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados**. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Devem ser consideradas as possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. Ainda que os riscos sejam mínimos, o TCLE deve conter os encaminhamentos dados pelo/a pesquisador/a, caso se produza no sujeito algum incômodo ou situação adversa durante a realização da pesquisa. Caso as providências indicadas pelos pesquisadores ou pesquisadoras envolvam atendimento de terceiros, é necessário apresentar 'Carta de Atendimento', garantindo que o serviço será oferecido ao participante de forma gratuita e imediata.

Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade do (s) pesquisador (es) responsável (is) (Resol. 466/2012 e 510/2016).

Forma de armazenamento dos dados: Arquivo digital com senhas para a não exposição das atletas.

Sigilo e privacidade: Você tem garantia de manutenção do sigilo e da sua privacidade durante todas as fases da pesquisa, exceto quando houver sua manifestação explícita em sentido contrário. Ou seja, seu nome nunca será citado, a não ser que você manifeste que abre mão do direito ao sigilo.

() Permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos unicamente para esta pesquisa e tenho ciência que a guarda dos dados são de responsabilidade do(s) pesquisador(es), que se compromete(m) em garantir o sigilo e privacidade dos dados.

() Não permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos para esta pesquisa.

Ressarcimento e Indenização: Não haverá prejuízo, pois serão questionários online para respostas em casas, com seu tempo livre.

Diante de eventual despesa, você será ressarcido pelo (s) pesquisador (es). Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Resultados da pesquisa: Você terá garantia de acesso aos resultados da pesquisa. Os dados serão divulgados de forma codificada, em eventos, revistas científicas, também será publicado em jornais e mídias sociais para que a população tenha um fácil acesso ao mesmo.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o(s) pesquisador(es):

Pesquisador responsável: Talita Gianello Gnoato Zotz

Endereço: Rua Coração de Maria, 92

Telefone: 41 992142110

e-mail: talita.zotz@ufpr.br

Pesquisador: João Pedro Matté Baldessar

Endereço: Rua domingos nascimento 500, 80520200

Telefone: 45 99942 8335

E-mail: joaomatte@ufpr.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba – Paraná, Telefone: (41) 3360 – 5094 ou pelo e-mail cep_chs@ufpr.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Você tem o direito de acessar este documento sempre que precisar. Para garantir seu direito de acesso ao TCLE, este documento é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo/a pesquisador/a e pelo/a participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com o/a pesquisador/a.

Quando o TCLE for obtido por meio digital, não deve haver menção a duas vias, mas deve ser esclarecida a forma por meio da qual os participantes terão acesso ao TCLE, garantindo o seu direito ao livre acesso ao TCLE.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE nº 6.650.936.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas, informo que aceito participar.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA MULHERES PRATICANTES DE FUTSAL

15. Apêndices

15.1 Apêndice A



Questionário Semiestruturado para Mulheres praticantes de Futsal.

1. Se você tiver que classificar a sua cor em branca, preta, parda, amarela ou indígena, como se classificaria? (adaptado de Ministério da Saúde, 2008)

- ☐ Branca
- ☐ Preta
- ☐ Parda
- ☐ Amarela
- ☐ Indígena
- ☐ Não sei
- ☐ Prefiro não responder

2. Qual sua ocupação atual? (Assinale todas as alternativas que se aplicam a você)

- ☐ Emprego em tempo integral
- ☐ Emprego em tempo parcial
- ☐ Do lar
- ☐ Desempregada
- ☐ Atleta profissional
- ☐ Aposentada
- ☐ Estudante

3. Você tem renda própria?

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. Com relação aos serviços domésticos selecione a opção que está de acordo com sua realidade atual:

- ☐ Você realiza todos os serviços sozinha
- ☐ Você tem ajuda de pessoas da família
- ☐ Você tem ajuda de alguma pessoa contratada (diarista ou regular)
- ☐ Você não realiza serviços domésticos

5. Você considera que há apoio da sua família para a prática do futsal?

- ☐ Sim

☐ Não

6. Você está no climatério ou menopausa?

☐ Sim

☐ Não

7. Em uma escala de 0 (nada) a 10 (muito), quanto você considera que seu ciclo menstrual interfere em sua prática/rendimento no futsal?

☐ 0

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ 4

☐ 5

☐ 6

☐ 7

☐ 8

☐ 9

☐ 10

☐ Não tenho ciclo menstrual

8. Você está fazendo uso de algum tipo de contraceptivo?

☐ Sim, contraceptivo hormonal

☐ Sim, contraceptivo não hormonal

☐ Não

9. Você já ficou grávida alguma vez, mesmo que a gravidez não tenha chegado ao fim? (adaptado de Ministério da Saúde, 2008)

☐ Sim

☐ Não

10. Está grávida atualmente? (adaptado de Ministério da Saúde, 2008)

☐ Sim

☐ Não

11. Quantos partos você teve? (para gêmeos considerar 1 parto) (adaptado de Ministério da Saúde, 2008):

12. Caso você esteja ou já tenha ficado grávida, você considera que o período gestacional interfere/interferiu em sua prática de futsal?

☐ Nunca fiquei grávida

☐ Sim

☐ Não

13. Você tem filhos (as)?

- ☐ Sim
☐ Não

14. Caso a resposta anterior tenha sido "SIM", quantos filhos (as) você tem?
(apenas números)

15. Qual(is) a(as) idade(s) de seu(s) filhos(as)? (Assinale todas as alternativas que se aplicam a você)

- ☐ Não tenho filhos (as)
☐ Menor de 1 ano de idade
☐ Entre 1 e 3 anos de idade
☐ Entre 3 e 7 anos de idade
☐ Entre 7 e 15 anos de idade
☐ Entre 15 e 18 anos de idade
☐ Entre 18 e 25 anos de idade
☐ Maior de 25 anos de idade

16. Quantos filhos/filhas vivem com você? (se nenhum, anote "0") (adaptado de Ministério da Saúde, 2008)

17. A rotina com seus filhos (as) interfere na prática do futsal?

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Não tenho filhos (as)

18. Você se sente pressionada ao jogar futsal, por preconceito ou desmerecimento?

- ☐ Sim
☐ Não

19. Você joga futsal profissionalmente?

- ☐ Não
☐ Sim

20. Você participa de alguma liga de futsal? Se sim, qual?

- ☐ Não
☐ Sim, _____

21. Você recebe algum tipo de incentivo financeiro governamental (Bolsa atleta)?

- ☐ Sim
☐ Não

22. Você recebe algum tipo de patrocínio?

- ☐ Sim
- ☐ Não

23. Você necessita usar transporte público para chegar ao seu local de treinamento?

- ☐ Sim
- ☐ Não

24. Participa de alguma agência de atletas? Se sim, qual?

- ☐ Sozinha
- ☐ Sim, _____

25. Caso você não participe de nenhum grupo de agenciadores, por qual motivo não participa?

- ☐ Não gosto/não tenho interesse
- ☐ Não acho necessário
- ☐ Não participo por questões financeiras
- Outro: _____

26. Caso a resposta anterior tenha sido "SIM" descrever abaixo qual atividade física ou esporte você pratica além do futsal:

27. Você faz treino de fortalecimento muscular?

- ☐ Sim
- ☐ Não

28. Você já sofreu alguma lesão em decorrência do futsal? (adaptado de BERTOLA et al., 2014)

- ☐ Sim
- ☐ Não

29. Quantas lesões você já sofreu em decorrência do futsal? (adaptado de Bertola et al., 2014)

- ☐ Nunca sofreu lesão
- ☐ 1 lesão
- ☐ 2 lesões
- ☐ De 3 a 5 lesões
- ☐ Mais do que 5 lesões

30. Qual a localização das lesões? (adaptado de Bertola et al., 2014) (Assinale todas as alternativas que se aplicam a você)

- ☐ Cabeça/pescoço

- () Ombro
- () Cotovelo
- () Punho/mão
- () Quadril
- () Coxa
- () Joelho
- () Perna
- () Pé
- () Coluna
- () Nunca sofreu lesão

31. Há quantos meses/anos pratica futsal? _____

32. Frequência semanal: _____ Horas por dia: _____

33. Volume de treino em dias por semana: () 1x () 2x () 3x () 4x () 5 ou mais vezes

34. Realiza outra atividade física? () SIM () NÃO

Se sim, qual? _____

35. Já sofreu alguma lesão durante um treino ou partida? () SIM () NÃO

Se sim, qual? _____

36. Segundo a legenda e o quadro abaixo, indique a região acometida pela lesão, o número de vezes que lesionou determinada região, quando ocorreu a lesão, se houve afastamento devido a lesão e qual foi o tempo de afastamento:

Legenda:

Tipo de lesão	Número de vezes que se lesionou na última temporada	Essa lesão ocorreu durante:
1- Muscular (distensão, contusão) 2- Fraturas (quebra de ossos) 3- Luxação (deslocar articulação) 4- Entorse (torção da articulação) 5- Tendínea ou Ligamentar (ruptura ou lesão parcial)	Inserir o número de vezes que se lesionou em cada região	1- Treinamento de futsal 2- Durante uma competição.

Região anatômica	Tipo de lesão (verificar legenda)	Essa lesão ocorreu durante: (verificar legenda)	Houve afastamento?	* Se sim, quanto tempo?
QUADRIL				
COXA				
JOELHO				
PERNA				
TORNOZELO				

37. Costuma realizar ANTES do treinamento do treino ou jogo:

Região	Alongamento antes do jogo	Não realizo alongamento antes do jogo	Aquecimento antes do jogo	Não realizo aquecimento antes do jogo
Membros Inferiores	10 s () 20 s () 30 s () ou < ()		10 min () 20 min () 30 min () ou < ()	

38. Costuma realizar DEPOIS do futsal:

Região	Alongamento depois do jogo	Não realizo alongamento depois do jogo	Aquecimento depois do jogo	Não realizo aquecimento depois do jogo
Membros Inferiores	10 s () 20 s () 30 s () ou < ()		10 min () 20 min () 30 min () ou < ()	

39. Dos itens abaixo, marque quais você tem acompanhamento atualmente:

- () Treinador técnico
() Fisioterapeuta
() Nutricionista
() Médico

40. Com relação à segurança diária, como se sente em relação a profissionais do Âmbito esportivo?

- () Muito segura
() Segura
() Um pouco segura
() Não me sinto segura, mas pratico mesmo assim
() Não me sinto segura e por isso não mais

41. Você já foi assediada ou sofreu alguma tentativa de assédio durante a prática do futsal?

- () Sim

() Não

42. Você já foi assediada ou sofreu alguma tentativa de assédio durante o pré jogo (Ginásio, ida ao vestiário, vestiário, aquecimento)?

() Sim

() Não

43. Você já foi vítima de alguma das seguintes situações durante o jogo de futsal ou em treinos? (adaptado de Instituto Patrícia Galvão/Locomotiva, 2019)

(Assinale todas as alternativas que se aplicam a você)

() Receber olhares insistentes

() Receber cantadas indesejadas

() Receber comentários de cunho sexual

() Passarem a mão em seu corpo

() Receber gestos obscenos

() Ser seguida

() Receber mensagens inoportunas por parte de algum colega de treino ou treinador

() Ser fotografada sem autorização

() Ser beijada à força

() Ser encoxada

() Exibirem partes íntimas para você

() Se masturbarem olhando para você

() Ser estuprada

() Não, nenhuma

() Outro: _____

44. Você já sofreu algum preconceito ou desmerecimento por ser mulher, atleta de futsal?

() Sim

() Não

45. Caso a resposta anterior tenha sido "SIM" descrever abaixo qual preconceito sofreu

APÊNDICE C – PAGINA INICIAL QUESTIONARIO PUBLICADO



Questionário para mulheres praticantes de Futsal

Eu, João Pedro Matté Baldessar, junto com a minha Orientadora: Prof.^a Dr.^a Talita G Gnoato Zotz, e minha Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Brandt de Macedo.

Vimos pedir a você atleta que nos ajude, pois nosso objetivo é entender os fatores ambientais e as barreiras que as mulheres vem sofrendo no futsal, caso tenha alguma dúvida poderá entrar em contato comigo (45) 99942-8335. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências Humanas da UFPR sob o número CAAE n° 6.650.936.

joaopedromatte@hotmail.com [Mudar de conta](#)



 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: FATORES AMBIENTAIS E BARREIRAS RELACIONADAS PARA A PRÁTICA DE FUTSAL FEMININO NO BRASIL

Pesquisadora responsável: Talita Gianello Gnoato Zotz

Pesquisador assistente: João Pedro Matté Baldessar

Pesquisadora assistente: Ana Carolina Brandt de Macedo

Local da Pesquisa: Online

Endereço: Território Brasileiro

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para tirar suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou depois de assiná-lo, você poderá buscar orientação junto a equipe de pesquisadores. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada: FATORES AMBIENTAIS E BARREIRAS RELACIONADAS PARA A PRÁTICA DE FUTSAL FEMININO NO BRASIL, tem como objetivo analisar barreiras e preconceitos que a mulher sofre no futsal, verificar fatores ambientais e a pratica do futsal, a pesquisa terá duração de 12 meses.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FATORES AMBIENTAIS E BARREIRAS RELACIONADAS PARA A PRÁTICA DE FUTSAL FEMININO NO BRASIL

Pesquisador: TALITA GIANELLO GNOATO ZOTZ

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 75715923.6.0000.0214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Paraná - Ciências Humanas e Sociais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.650.936

Apresentação do Projeto:

Trata-se de análise ética de protocolo de pesquisa intitulado "Fatores Ambientais e Barreiras Relacionadas para a Prática de Futsal Feminino no Brasil", tendo como pesquisadora responsável Talita Gianello Gnoato Zotz e como pesquisadores assistentes Ana Carolina Brandt de Macedo e João Pedro Matté Baldessar, todos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UFPR.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com os pesquisadores, os objetivos da pesquisa são:

- Objetivo Geral:

"Analisar fatores ambientais e barreiras relacionadas à prática de futsal por mulheres no Brasil".

- Objetivos Específicos:

"[1] Analisar o perfil sociodemográfico de mulheres praticantes de futsal no Brasil.

[2] Analisar o perfil de treino de mulheres praticantes de futsal no Brasil.

[3] Analisar o perfil de saúde de mulheres praticantes de futsal no Brasil.

[4] Analisar a percepção de mulheres a respeito de fatores ambientais relacionados à prática de futsal no Brasil.

Endereço: Rua General Carneiro, nº 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.080-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3380-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 6.650.936

[5] Verificar a existência de barreiras para a prática do futsal por mulheres no Brasil".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com os pesquisadores, os riscos e benefícios da pesquisa são:

- Riscos: "Com relação ao questionário on-line, pode ocorrer algum aborrecimento ao responder alguma questão. Neste caso, o risco será minimizado por meio de orientação prévia de que não será necessário responder às questões que eventualmente puderem causar algum desconforto, para tanto, a participante poderá deixar tais questões sem resposta e seguir adiante ou apenas interromper a participação deixando de responder ao questionário, ou no caso de já tê-lo enviado, terá a liberdade de solicitar a retirada de sua participação da pesquisa, contatando um dos membros da equipe, sem precisar justificar sua decisão e sem que isso acarrete qualquer penalidade".

- Benefícios: "Além disso, as informações referentes aos preconceitos e abusos sofridos no futsal são fatores que fornecerá informações importantes que contribuirão para embasar a criação de políticas públicas para o esporte feminino e para aperfeiçoar o trabalho de profissionais da área".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Local de realização da pesquisa:

Segundo os pesquisadores, será realizada aplicação de questionário online, composto por 3 instrumentos diferentes, e "[...] A disponibilização dos questionários será por mídia social, após aprovação do comitê de ética em pesquisas do setor de ciências humanas (CEP)".

População a ser estudada:

De acordo com os pesquisadores, "participarão do estudo mulheres praticantes de futsal, amadoras ou profissionais, com idade acima de 18 anos, que responderem ao questionário on-line, divulgado pelos pesquisadores após aprovação do CEP".

Procedimentos metodológicos:

De acordo com os pesquisadores, "O tipo do estudo será analítico observacional transversal", e a coleta de dados será por meio da aplicação de questionário online para o público selecionado na pesquisa. O questionário será enviado para clubes femininos, amadores e profissionais envolvidos na área do futsal.

Endereço: Rua General Cameiro, nº 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121
Bairro: Centro CEP: 80.060-150
UF: PR Município: CURITIBA
Telefone: (41)3360-5094 E-mail: cep_chs@ufpr.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS**



Continuação do Parecer: 6.650.936

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram anexados.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise e deliberações deste colegiado concluiu-se que, salvo melhor juízo, não há pendências ou inadequações no protocolo em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

01. Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, RELATÓRIOS PARCIAIS semestrais (a cada seis meses a partir da data de aprovação), com o relato do andamento da pesquisa, via Plataforma Brasil, usando o recurso NOTIFICAÇÃO. Informações relativas às modificações do protocolo, como cancelamento, encerramento, alterações de cronograma ou orçamento, devem ser apresentadas no modo EMENDA. No encerramento da pesquisa deve ser submetido via NOTIFICAÇÃO da Plataforma Brasil o RELATÓRIO FINAL.

02 - Importante: (Caso se aplique): Pendências de Coparticipante devem ser respondidas pelo acesso do Pesquisador principal. Para projetos com coparticipante que também solicitam relatórios semestrais, estes relatórios devem ser enviados por Notificação, pelo login e senha do pesquisador principal no CAAE correspondente a este coparticipante, após o envio do relatório à instituição proponente.

03 - Favor inserir em seu TCLE e/ou TALE o número do CAAE e o número deste Parecer de aprovação, para que possa apresentar tais documentos aos participantes de sua pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2229874.pdf	07/12/2023 15:30:24		Aceito
Outros	Carta aos revisores CEP.pdf	07/12/2023 15:29:45	João Pedro Matté Baldessar	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_corrigido.pdf	07/12/2023 15:28:08	João Pedro Matté Baldessar	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_Corrigido.pdf	07/12/2023 15:27:16	João Pedro Matté Baldessar	Aceito

Endereço: Rua General Carneiro, nº 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121
 Bairro: Centro CEP: 80.060-150
 UF: PR Município: CURITIBA
 Telefone: (41)3360-5094 E-mail: cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 6.650.936

Justificativa de Ausência	TCLE_Corrigido.pdf	07/12/2023 15:27:16	João Pedro Matté Baldessar	Aceito
Outros	Atadeaprovacao.pdf	06/11/2023 10:31:56	João Pedro Matté Baldessar	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_concordancia.pdf	06/11/2023 10:28:15	João Pedro Matté Baldessar	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/11/2023 10:26:03	João Pedro Matté Baldessar	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	03/11/2023 11:43:33	João Pedro Matté Baldessar	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	03/11/2023 11:41:29	João Pedro Matté Baldessar	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 15 de Fevereiro de 2024

Assinado por:
Simone Cristina Ramos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua General Carneiro, nº 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121
Bairro: Centro CEP: 80.060-150
UF: PR Município: CURITIBA
Telefone: (41)3360-5094 E-mail: oep_chs@ufpr.br

ANEXO B – COMPOSITE ABUSE SCALE

COMPOSITE ABUSE SCALE: VERSÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO.

SEUS RELACIONAMENTOS:

Nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde.

Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas. Por relações íntimas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.

1 - Você já teve um relacionamento afetivo ou conjugal?

(Desde os seus 16 anos de idade)

() Sim 1 () Não 0 (Vá para a próxima pergunta)

2 - Você teve algum relacionamento afetivo ou conjugal nos últimos doze meses?

(Desde os seus 16 anos de idade)

() Sim 1 () Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 6)

3 - Você está em um relacionamento afetivo ou conjugal no momento?

() Sim 1 () Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 5)

4 - Atualmente, você tem medo do seu parceiro ou parceira?

() Sim 1 () Não 0

5 - Você teve medo do seu parceiro ou parceira nos últimos 12 meses?

() Sim 1 () Não 0

6 - Você já teve medo de algum parceiro ou parceira?

() Sim 1 () Não 0

7 - Gostaríamos de saber se você vivenciou alguma das ações listadas abaixo e com que frequência elas ocorreram nos últimos doze meses. Se você não teve um parceiro ou parceira nos últimos doze meses, por favor, responda à pergunta considerando o seu último parceiro ou parceira. Marque com um X a opção correta que corresponde à frequência com que a ação ocorreu com você nos últimos doze meses.

(Por favor, marque **SOMENTE UMA** das opções em cada linha)

AÇÕES	COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?					
Meu parceiro ou parceira:	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
Falou que eu não era boa o suficiente	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me impediu de obter tratamento médico	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me perseguiu	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou colocar minha família, amigos(as) ou filhos(as) contra mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me trancou no quarto	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me deu um tapa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me obrigou a ter relações sexuais contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Falou que eu era feia	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou me impedir de ver ou falar com a minha família	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me jogou e me derrubou	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Ficou me vigiando do lado de fora da minha casa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

Me culpou por ter causado seu comportamento violento	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me assediou pelo telefone, email ou redes sociais.	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me sacudiu	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou me forçar a ter relações sexuais contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
AÇÕES		COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?				
Meu parceiro ou parceira:	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
Me estrangulou	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me assediou no trabalho	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Usou uma faca, um revólver ou outra arma contra mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Ficou bravo/brava se o jantar ou afazer doméstico não foi feito do modo que ele/ela achava que deveria	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me disse que era louca	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me disse que ninguém nunca vai me querer	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Pegou a minha carteira e me deixou sem dinheiro	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

Bateu ou tentou me bater com alguma coisa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Não quis que eu me encontrasse com minhas amigas/amigos	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Colocou objetos estranhos na minha vagina contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Não deixou que eu trabalhasse fora de casa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me chutou, me mordeu ou me deu socos	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou convencer meus amigos(as), família ou filhos(as) que eu era louca	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me disse que era burra	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Bateu em mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

